

MARIA ELIZABETH CALDELLAS PEDROSA

CENTRO CULTURAL DA JUVENTUDE
RUTH CARDOSO: UMA EXPERIÊNCIA DIFERENCIADA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da informação sob a orientação da Profa. Doutora Maria Christina Barbosa de Almeida.

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo
2009

À noite fui num sarau do Centro Cultural da Juventude, que é pertinho de casa. Houve época em que esse espaço foi praticamente a minha segunda casa. – eu fazia teatro, ia a shows, participava de bate-papos. Lá conheci pessoas essenciais, fiz amigos queridíssimos, me aproximei da arte, e passei a enxergar a arte como uma possibilidade real na minha vida.

Trecho extraído do depoimento dado à Revista Piauí, nº 32, por Bárbara Pina, relatando o dia a dia de uma jovem na cidade, a matéria era intitulada “Ter 18 anos na cidade Grande”. Hoje essa jovem é monitora do CCJ.

RESUMO

Trata do processo de criação e desenvolvimento do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso (CCJ) e do impacto causado por suas ações junto à comunidade, particularmente junto ao seu público-alvo, utilizando para esta reflexão os conceitos de “desenvolvimento cultural” e de “direitos culturais”.

O CCJ foi criado em 2006 com objetivo de atender as demandas dos jovens moradores das regiões de Brasilândia, Cachoeirinha, Freguesia do Ó e de toda a cidade de São Paulo. Partiu da criação de um equipamento cultural que tem como público-alvo os jovens entre 18 a 29 anos, que em geral não são o foco principal dos outros equipamentos mantidos pela prefeitura da cidade de São Paulo.

Foi analisada a relação entre a cultura e a cidade, a partir da presença e distribuição dos equipamentos culturais no âmbito da Secretaria de Cultura da cidade de São Paulo, descritos aqui como pano de fundo.

Apresenta o histórico do CCJ, sua criação, suas redes, objetivos, propostas e funcionamento, tendo como fonte de informação depoimentos colhidos junto aos gestores do CCJ, documentos e observação.

Para analisar o público-alvo do CCJ, aborda-se o conceito de juventude, seus valores e suas expectativas. Traz uma pesquisa de usuários do CCJ que ajuda a traçar seu perfil, analisar o uso que fazem do equipamento e avaliar sua satisfação com as atividades e os acessos oferecidos.

Os resultados obtidos demonstraram mudanças no perfil cultural destes jovens, a partir da frequência ao CCJ, podendo-se admitir que espaços culturais próximos à comunidade contribuem de forma eficaz para o desenvolvimento cultural de seu público e para a democratização do acesso aos bens culturais.

Palavras-chave: <Centro Cultural da Juventude> <Política cultural> <Juventude> <Equipamentos culturais> <Direitos culturais> <Desenvolvimento cultural>

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the process of creation and development of the Cultural Center for Youth Ruth Cardoso (“Centro Cultural para a Juventude Ruth Cardoso”, CCJ) and the impact caused by the actions of the CCJ in the community, particularly among its target audience, using in this reflection the concepts of "cultural development" and "cultural rights".

The CCJ was established in 2006 in order to meet the demands of the young residents of the regions of Brasilândia, Cachoeirinha, Freguesia do Ó and of the city of São Paulo as a whole. The CCJ involved the creation of differentiated cultural facilities, focusing on the population aged 18 to 29 years, the general public that is not the main focus of the other facilities maintained by the Municipal Government of São Paulo.

We analyze initially the relationship between culture and cities, focusing specially on the presence and distribution of cultural facilities within the Department of Culture (“Secretaria de Cultura”) of São Paulo, in order to achieve an overview of the characteristics of each of them.

Subsequently we present the history of the CCJ, its creation, its networks, objectives and operation. These information were obtained from testimonies collected from the managers of the CCJ, documents and observation.

Afterwards we make a discussion on the concept of youth and its expectations, and finally we deal with the analysis of the interviews applied to users of the CCJ, checking its characteristics, the uses of the facilities, and the evaluation of satisfaction, which indicates changes in the cultural profile of these young people in relation to their attendance of the CCJ.

The results showed that differentiated cultural spaces and decentralization contribute effectively to the cultural development of its public and to the democratization of the access to cultural goods.

Keywords: <Cultural Center for Youth> <Cultural policies> <Youth> <Cultural facilities> <Cultural rights> <Cultural development>

Sumário

Introdução

Contexto	p. 1
Objetivos	p. 5
Metodologia	p. 6

Capítulo 1

1.1 A Cultura e a cidade de São Paulo	p.9
1.2 Equipamentos, departamentos e programas culturais da Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo	p. 11
1.2.1 Departamento do Patrimônio Histórico – DPH	p. 12
1.2.2 Departamento de Expansão Cultural- DEC	p. 12
1.2.3 Virada Cultural	p. 15
1.2.4 Leis e ações de incentivo à cultura	p. 17
1.2.5 Programa para Valorização das Iniciativas Culturais – VAI	p. 19
1.2.6 Teatro Municipal	p. 21
1.2. 7 Biblioteca Mário de Andrade	p. 22
1.2.8 Centro Cultural São Paulo - CCSP	p. 24
1.2.9 Galeria Olido	p. 25
1.2.10 Escola Municipal de Iniciação Artística - EMIA	p. 26
1.2.11 Sistema Municipal de Bibliotecas	p. 28
1.3 Biblioteca pública e ação cultural do bibliotecário	p. 34
1.4 Análise dos equipamentos	p. 37
1.5 Disponibilidade e uso dos equipamentos culturais	p. 38

Capítulo 2

2. Centro Cultural da Juventude	p. 50
2.1 Histórico e localização	p. 50
2.2 Objetivos estratégicos instituídos pelo CCJ	p. 54
2.3 Ambientes e linguagens artísticas	p. 55
2.4 O CJJ e as Redes sociais	p. 56
2.5 Biblioteca	p. 61
2.6 Análise das atividades da biblioteca	p. 69

Capítulo 3

3.1 Uma nova concepção de juventude	p. 71
3.2 Retratos da Juventude: uma visão dos jovens brasileiros e suas necessidades e desejos	p. 74
3.3 As percepções dos usuários sobre o CCJ	p. 78
3.3.1 Dados gerais dos entrevistados	p. 79
3.3.1.1 Sexo e faixa etária	p. 79
3.3.1.2 Morador de qual bairro/região	p. 81
3.3.1.3 Dados relativos à escolaridade e atividade profissional	p. 84
3.3.1.4 Como conheceu o CCJ	p. 88
3.3.1.5 Frequência	p. 90
3.3.1.6 Quais atividades que você costuma participar no CCJ	p. 90
3.3.1.7 Avaliação da biblioteca e do CCJ em geral	p. 91
3.3.1.8 Você acha que poderiam ser oferecidas outras atividades que não são oferecidas no momento?	p. 93
3.3.1.9 Aspectos positivos e negativos do CCJ	p. 95
3.3.1.10 Participação na programação	p. 97
3.3.1.11 Frequência a outros espaços culturais	p. 98
3.3.1.12 Ampliação da frequência a outros espaços culturais após o CCJ	p. 100
Considerações finais	p. 103
Bibliografia	p. 108
Anexo I – entrevista aplicada com os usuários do CCJ	p. 114
Lista de Tabelas	p. 116
Lista de Figuras	p. 116
Lista de Quadros	p. 118
Lista de Gráficos	p. 119
Lista de integrantes da equipe do CCJ que concederam depoimento	p. 120

Introdução

Contexto

Esta dissertação pretende analisar o processo de criação e desenvolvimento do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso (CCJ) e o impacto causado por suas ações junto à comunidade, particularmente junto ao seu público-alvo.

O CCJ foi criado em 2006 com o objetivo de atender as demandas dos jovens moradores das regiões de Brasilândia, Cachoeirinha, Freguesia do Ó e, por extensão, de toda a cidade de São Paulo. Partiu da criação de um equipamento cultural que tem como público-alvo os jovens entre 18 a 29 anos, que em geral não são o foco principal dos outros equipamentos mantidos pela prefeitura da cidade de São Paulo.

O CCJ possui três características fundamentais que o distinguem dos demais equipamentos culturais e o torna diferenciado dos outros equipamentos públicos da cidade:

- É um equipamento voltado especialmente para jovens (dos 18 aos 29 anos);
- Está localizado na zona norte, em um bairro periférico, que conta com poucas opções públicas na área cultural;
- Sua programação cultural (música, teatro etc) é em parte produzida por grupos da região e de outras áreas da periferia da cidade. Muitos destes grupos são financiados pelo programa VAI – Valorização de Iniciativas Culturais¹.

Para a análise do CCJ e de seu impacto junto à comunidade, utilizam-se principalmente os conceitos de “desenvolvimento cultural” e “direitos culturais”. Baseada na definição de desenvolvimento cultural de CARRANZA VALDÉS (2008), o qual afirma que se deve partir do bem-estar humano para estabelecer o conceito de desenvolvimento cultural. Conforme o autor: “a

¹ O Programa VAI consiste em um mecanismo de incentivo financeiro a jovens de baixa renda que apresentem projetos culturais, foi criado pela Prefeitura da cidade de São Paulo, no âmbito da Secretaria da Cultura no ano de 2003.

cultura não é unicamente a base social e o contexto mais geral do desenvolvimento, mais que isso, ela é a sua principal finalidade” (2002, p. 8) ². Para refletir sobre a idéia de desenvolvimento cultural, diz que é preciso levar em conta diversos aspectos da vida humana, dentre os quais destaca seis pontos principais:

- A diversidade cultural;
- A ética mundial;
- A participação nas atividades criativas;
- O acesso à cultura e à educação;
- A identidade cultural;
- A vida em comum. (CARRANZA VALDÉS, 2002, p. 10).³

A noção de desenvolvimento cultural também tem sido incorporada à discussão relativa ao “desenvolvimento sustentável”. Nos recentes documentos da Unesco e nos trabalhos produzidos por movimentos e organizações ligadas à questão ambiental, o desenvolvimento cultural aparece como um dos fatores essenciais para a vida integral do ser humano. Nessa linha de análise, VECCHIATTI (2004, p. 93) alega que:

Pensar na cultura como fator de desenvolvimento significa valorizar identidades individuais e coletivas, promover a coesão em comunidades e levar em consideração que as características da cultura podem ser um fator de crescimento em determinados territórios (...) A área produtiva, as redes de infra-estrutura e de serviços não funcionam de maneira adequada se não houver investimento no ser humano, em sua formação, saúde, cultura, lazer e informação.

² “la culture n’est pas uniquement la <<base sociale>> et le contexte le plus général du développement, elle en est plutôt la principale finalité”

- La diversité culturelle;
- L’éthique mondiale;
- La participation aux activités créatrices;
- L’accès à la culture et à l’éducation;
- L’identité culturelle;
- La vie en commun.

Os pontos mencionados acima servem de base para a análise do processo de criação da proposta de ação e das práticas de desenvolvimento do CCJ.

Para a reflexão sobre os “direitos culturais” utilizamos o artigo de autoria de TEIXEIRA COELHO que, ao analisar a mudança histórica ocorrida a partir da Declaração dos Direitos Humanos, em 1948, e a Declaração dos Direitos Culturais pela UNESCO, em 1966 e 1976, define “direitos culturais” como: “o direito de participar do processo cultural, o direito de beneficiar-se dos avanços científicos e tecnológicos” (TEIXEIRA COELHO, 2007, p.12).

Pretendeu-se ter como foco central da análise do CCJ as questões relativas à descentralização dos equipamentos culturais na cidade, baseando-se na dificuldade espacial, econômica e social de deslocamento da população das regiões periféricas para as regiões mais centrais da cidade.

Acreditamos que outro conceito importante nessa análise é o de “democratização cultural”, usaremos essa expressão no sentido a seguir:

Democratização da cultura é, na essência, um processo de popularização das artes eruditas (...) está a idéia de que diferentes segmentos de uma população gostariam de ter acesso a esses modos culturais – ou poderiam ser persuadidos a expor-se a eles – se se recorrer aos instrumentos adequados de educação, sensibilização e facilitação dessas práticas. TEIXEIRA COELHO (1997, p. 144)

Complementando os conceitos necessários para essa dissertação, recorreremos ao Dicionário Crítico de Política Cultural para definirmos Identidade cultural, como se segue:

Sistema de representação (elementos de simbolização e procedimentos de encenação desses elementos) das relações entre os indivíduos e os grupos e entre estes e seu território de reprodução e produção, seu meio, seu espaço e seu tempo. (TEIXEIRA COELHO, 1997,p. 201)

Tomamos por base o estudo realizado por BOTELHO e publicado em 2004, em que a autora verifica o alto grau de centralização dos equipamentos culturais da cidade, afirmando inclusive, logo na introdução (p.1), que, quanto à distribuição dos equipamentos culturais na cidade o quadro que se apresenta é de total desequilíbrio, afirmando que há uma baixa correspondência entre as áreas de maior crescimento urbano e a localização dos equipamentos culturais.

Prosseguindo o raciocínio, a autora (BOTELHO, 2004, p. 3), afirma que a maior concentração de jovens e crianças está exatamente no cinturão que circunda a cidade e que é a exatamente a área mais desprovida de equipamentos culturais e complementa afirmando que: “observado o fato que os deslocamentos físicos se tornam, cada dia mais difíceis, pode-se dizer que a mobilidade territorial e o uso dos equipamentos culturais se convertem, cada vez mais, em direito e privilégio das classes com maior poder aquisitivo” (p. 4).

Outro aspecto relevante nesta análise do CCJ é seu público-alvo. Não havia, até então, na cidade de São Paulo, nenhum equipamento cultural que tivesse sido criado com foco central nesse público. Nesse sentido o CCJ é inovador e diferenciado dos demais equipamentos.

Durante um longo período da história das bibliotecas públicas da cidade de São Paulo, havia a divisão entre bibliotecas públicas (destinadas ao público adulto) e bibliotecas infanto-juvenis. Diferentemente do público-alvo do CCJ, o público infanto-juvenil era constituído por crianças e adolescentes até 16 anos. Os mais velhos eram encaminhados para as bibliotecas públicas: os jovens passaram a constituir público adulto sem que suas demandas específicas fossem ouvidas e levadas em consideração.

Objetivos

Objetivo geral

Analisar as motivações e os processos de criação e desenvolvimento do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso - CCJ, bem como o impacto causado por suas ações junto à comunidade, particularmente junto ao seu público-alvo.

Objetivos específicos

- Analisar indicadores socioeconômicos da região onde está instalado o CCJ;
- Verificar se existe, na cidade de São Paulo, outras iniciativas relevantes dirigidas a esse tipo de público;
- Analisar a natureza institucional e a estrutura do CCJ, bem como os objetivos definidos, as expectativas e motivações de seus agentes nas diversas fases de implantação e desenvolvimento dos trabalhos;
- Analisar as estratégias utilizadas na criação e no desenvolvimento do CCJ;
- Verificar a percepção do público beneficiado em relação às ações desenvolvidas, bem como o grau de satisfação em relação aos serviços oferecidos;
- Avaliar o nível de participação da comunidade nas ações do CCJ;
- Investigar se há indícios de mudança nos hábitos culturais dos jovens da comunidade atendida, a partir de sua vivência no CCJ, observando se esses jovens se apropriaram de outros espaços culturais da cidade;

Metodologia

A pesquisa teórica fundamentou-se na literatura da ciência da informação e de outras áreas das ciências humanas, onde se buscaram os conceitos trabalhados ao longo dessa dissertação. Desenvolvimento cultural, identidade cultural, acesso cultural, movimentos sociais e culturas juvenis são alguns dos conceitos que, dentre outros, forneceram subsídios para analisar a missão, as ações e estratégias da criação e desenvolvimento do CCJ.

Para podermos verificar a percepção do público e o impacto das ações do CCJ foi aplicada uma pesquisa com questionários semi-estruturados com perguntas abertas e fechadas. Este instrumento pretendeu verificar quem era o público do CCJ, quais atividades ele participava, sua avaliação dos espaços e atividades oferecidas e, por fim, as possíveis mudanças no seu perfil cultural.

O trabalho de campo apresentou quatro vertentes, que se complementam na análise final:

1. Análise da oferta de equipamentos culturais pelo poder público municipal de São Paulo, bem como por organizações do terceiro setor na região onde está localizado o CCJ.
2. Análise das ações desenvolvidas pelo CCJ e de suas estratégias de atuação;
3. Análise do público-alvo do CCJ: suas expectativas, suas formas de participação, a satisfação referente às ações e serviços oferecidos e na percepção de crescimento como cidadão a partir da convivência no CCJ;
4. Análise das expectativas, percepções e opiniões dos agentes culturais em relação à atuação do CCJ e aos benefícios para o público-alvo.

A análise da oferta cultural na região iniciou-se por uma pesquisa documental, seguida de mapeamento das características dessa oferta e de seu público. Essa análise exigiu visitas técnicas, entrevistas e observação.

A análise em campo das ações do CCJ foi feita após o estudo de documentos relativos à sua trajetória, aos processos e estratégias de sua criação e desenvolvimento. Para isso, recorreu-se a observações, depoimentos e entrevistas com os principais atores dessa história: jovens usuários do equipamento e gestores do CCJ.

A análise do público-alvo foi fundamentada em documentos institucionais e em indicadores socioculturais disponíveis nas seguintes fontes de informação: IBGE – Censo Demográfico e PNAD⁴ e Sistema de Informação e Indicadores Culturais – Parceria entre o IBGE e o Ministério da Cultura⁵, Mapa da Exclusão, Retratos da Leitura no Brasil e Mapa dos equipamentos culturais da cidade de São Paulo.

Para a coleta de dados sobre o perfil e grau de satisfação dos jovens em relação ao CCJ, bem como para avaliar sua opinião em relação ao impacto das ações do CCJ em sua vida, foram utilizadas entrevistas. Neste particular, consideramos importante indicar se houve mudanças significativas no acesso aos bens culturais e, em caso positivo, como foram percebidas essas transformações.

No processo de coleta de dados junto às lideranças que conceberam e coordenaram o processo julgamos indispensável verificar como se relacionaram e se articularam com os jovens (as estratégias utilizadas para a divulgação, mobilização e participação) e como a comunidade atendida participou do processo.

Fundamentados pelos conceitos levantados na literatura e com base no estudo da documentação existente, na observação e nos depoimentos coletados, esperamos ter contemplado as diversas visões dos diferentes atores do processo.

Neste sentido, esta dissertação está estruturada da seguinte forma:

Para dar conta do conteúdo pretendido, apresentamos, no capítulo 1, uma análise da relação entre a cultura e a cidade, com enfoque especial na presença e distribuição dos equipamentos culturais no âmbito da Secretaria de

⁴ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

⁵ Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/2008/04/01/sistema-de-informacoes-e-indicadores-culturais-ibge-2003-2005/>

Cultura da cidade de São Paulo, fazendo um apanhado geral das características de cada um deles.

No segundo capítulo apresentamos o histórico do CCJ, sua criação, suas redes, objetivos, propostas e funcionamento, partindo dos depoimentos colhidos junto aos gestores do CCJ, documentos e observação.

Para finalizar, no último capítulo, refletimos sobre o conceito de juventude e suas expectativas. Posteriormente tratamos da análise das entrevistas aplicadas com os usuários do CCJ, verificando suas características, o uso que é feito do equipamento, avaliação de satisfação, indicando mudanças no perfil cultural destes jovens, a partir, da frequência ao CCJ.

Capítulo 1

1.1 A Cultura e a cidade de São Paulo

Nos dias atuais, muito se discute sobre a relação entre desenvolvimento cultural e econômico. A chamada “economia da cultura” tem sido objeto de amplos debates entre os intelectuais que trabalham sobre o tema da “política cultural”.

DAVIES (2008, p. 71), em artigo que analisa as políticas culturais da cidade de Toronto no Canadá, deixa clara a mudança de foco de análise na relação entre a cultura e as cidades ou a cultura e o desenvolvimento das cidades:

O reconhecimento do poderoso impacto econômico da cultura é um marco significativo no caminho que percorremos e até onde chegamos. Da cultura como um capricho ao qual podíamos nos entregar nos bons momentos e cortar nos maus, da cultura considerada mera preocupação da elite ou preocupação individual a hoje quando a cultura está onde deve estar, no verdadeiro centro da construção urbana – porque ela é o coração pulsante da nova cidade.

CALIL (2008, p. 161), secretário de cultura da cidade de São Paulo, em artigo em que analisa a política cultural dessa cidade, afirma que a sociedade clama por ofertas culturais e que, ao contrário da economia, em que é a demanda que determina a oferta, na cultura, a oferta induz à procura. Essa posição justifica sua opção pela descentralização dos equipamentos culturais na cidade. Entende que, quando há oferta de eventos e atividades culturais nos bairros mais distantes do centro, há frequência, há público. Quando não há, a vida cultural das pessoas se resume ao consumo da mídia que chega a suas casas e aos locais que frequentam.

Alguns autores, como CANCLINI, refletem sobre a cultura como meio de se criarem processos de identificação dos cidadãos com a cidade ou de seu reconhecimento na cidade. Em sua obra “Imaginários culturais da cidade”, pergunta: “seremos capazes de construir, com tanta diversidade, além das cidades do conhecimento, cidades do reconhecimento”? (2008, p. 25).

O autor afirma que, a partir das redes comunicacionais, somos capazes de reconfigurar a realidade das cidades e de seus cidadãos:

O imaginário não é apenas a representação simbólica do que ocorre, mas também um lugar de elaboração de insatisfações, desejos e busca de comunicação com os outros. Os desequilíbrios e incertezas engendrados pela urbanização que desurbaniza por sua extensão irracional e especulativa parecem compensados pela eficácia tecnológica das redes comunicacionais. (CANCLINI, 2008, p. 2)

Essas e outras questões nos motivaram a refletir sobre a cultura na cidade de São Paulo, tendo como foco o Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso (CCJ).

São Paulo tem hoje aproximadamente 11 milhões de habitantes em uma área territorial de 1.523 Km², com um PIB per capita de R\$ 25.675⁶. Esses poucos dados nos fornecem apenas uma ordem de grandeza, um olhar panorâmico a respeito da maior cidade brasileira, mas ocultam desigualdades alarmantes: Os indicadores sociais nos alertam para as dificuldades vividas por uma parcela expressiva da população, mesmo sendo São Paulo a cidade com maior arrecadação do país.

Dentro deste contexto, traçamos um mapa dos equipamentos e projetos mantidos atualmente pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, para podermos refletir sobre eles no contexto da cidade e situar o CCJ no âmbito desses equipamentos.

⁶ Dados retirados do site do IBGE em 10/04/2009 - <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

1.2 Equipamentos, departamentos e programas culturais da Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo

Para fins de mapeamento dos departamentos, programas e equipamentos da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo foram utilizadas as informações fornecidas pelo site da própria Secretaria⁷ e consulta a documentos.

Histórico e estrutura da Secretaria Municipal de Cultura

Em 1935, foi criado o Departamento de Cultura de São Paulo, tendo como seu diretor o escritor Mário de Andrade. Em 1947, transforma-se em Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

No seu sistema de organização atual temos o Secretário, o secretário-adjunto e os seguintes departamentos, programas e equipamentos de que trataremos mais detalhadamente na seqüência:

- Departamento de Patrimônio Histórico;
- Departamento de Expansão Cultural;
- Núcleo Vocacional;
- Virada Cultural;
- Leis e ações de incentivo à cultura;
- Programa VAI;
- Teatro Municipal de São Paulo;
- Biblioteca Mário de Andrade;
- Centro Cultural São Paulo;
- Galeria Olido;
- Sistema Municipal de Bibliotecas
- Centro Cultural da Juventude.;

⁷ <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/> - os acessos foram feitos em diversas datas no período entre março e abril de 2009.

1.2.1 Departamento do Patrimônio Histórico – DPH

O DPH é organizado em divisões, cada uma delas responsável por algumas atividades do departamento, tem como missão a adoção de uma política de preservação dos bens e conjuntos urbanos de valor artístico, cultural e histórico, com projetos de revitalização e renovação do espaço urbano:

- Divisão de Preservação – responsável pela preservação de edifícios, monumentos, bairros e ruas que formam o patrimônio histórico e cultural da cidade. Realiza pesquisas e registros sobre a história e memória da cidade. Responsável pelos projetos de restauro dos imóveis tombados.
- Divisão de Iconografia e Museus – É responsável pela administração das casas históricas, e também, pela guarda do acervo de bens móveis e dos documentos em suporte fotográfico. Também é responsável pela administração das casas históricas, bem como a guarda do acervo de bens móveis e dos documentos em suporte fotográfico.
- Divisão do Arquivo Histórico Washington Luis – é responsável pela conservação, guarda permanente, identificação, ordenação e divulgação do conjunto documental produzido pela administração pública municipal.

1.2.2 Departamento de Expansão Cultural- DEC

O Departamento de Expansão Cultural foi criado em 2005, no contexto de uma reorganização da Secretaria Municipal de Cultura e tem como objetivo principal a expansão e promoção de ações culturais na cidade de São Paulo.

O nome Departamento de Expansão Cultural – DEC, é uma homenagem ao aniversário 70 anos da criação do Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo, modelo que originou a atual Secretaria Municipal de Cultura. Criado em 1935, o Departamento foi o primeiro órgão público brasileiro voltado especificamente para políticas públicas na área da cultura.

Sua organização se dá a partir de alguns núcleos, fomentos e atividades especiais como a “Virada Cultural”. Abaixo, de forma sintética, estão descritas as atividades do DEC.

Núcleos

- Núcleo de Dança

Responsável pela implantação do Programa Municipal de Fomento à Dança, que visa o desenvolvimento de projetos, produção e apresentação de trabalhos. Entre suas ações mantém o Centro de Dança Umberto da Silva, na Galeria Olido.

Juntamente com o Núcleo Vocacional, é responsável pelo “Dança Vocacional”, programa que pretende descentralizar as ações, para isso desenvolve o projeto em diversos equipamentos da Secretaria da Cultura espalhado por todas as regiões da cidade.

- Fomento ao Cinema

Através de editais de copatrocínio investe em produções nacionais. Os recursos são destinados às diversas etapas da produção cinematográfica como, por exemplo, o desenvolvimento de roteiros de longa-metragem, produção de curta-metragem, produção e finalização de longa-metragem.

- Fomento ao Teatro

Surgiu em 2002, em decorrência da demanda da classe teatral, com objetivo de apoiar, criar projetos e pesquisar sobre a produção teatral da cidade de São Paulo.

Visa especialmente apoiar projetos de qualidade que colaborem na formação de públicos e popularização do teatro na cidade.

De acordo com as regras da Secretaria, o Programa aprofunda os vínculos entre o desenvolvimento do teatro, ao melhor acesso da população às produções teatrais e a continuidade de projetos e grupos; contribui não só para viabilizar o aprofundamento do saber cênico, mas para que grupos teatrais dediquem tempo e recursos para atividades de criação e pedagogia teatral, e de circulação de espetáculos. Pretende que o programa motive uma transformação e o entendimento do fenômeno teatral como produção coletiva de trabalho redefinindo alguns modos desta produção.

Núcleo Vocacional

Consiste em três vertentes: Dança Vocacional, Música Vocacional e Teatro Vocacional. O Núcleo pretende expandir a produção nessas três linguagens e a reflexão sobre elas e sua expansão nas diversas regiões da cidade.

Seu nome deriva da intenção de atender pessoas a partir dos 14 anos, que desejam se desenvolver em uma dessas linguagens e também refletir sobre questões ligadas à cidadania através das atividades artísticas.

As atividades são desenvolvidas de forma descentralizada em diversos equipamentos da Secretaria abarcando todas as regiões da cidade. Conforme informação do DEC, em 2008, existiram 53 pontos com a Dança Vocacional, 16 pontos com a Música Vocacional e 78 pontos com o Teatro Vocacional. Os projetos são desenvolvidos em algumas bibliotecas do Sistema Municipal de Bibliotecas, em CEUs e em alguns centros comunitários.

1.2.3 Virada Cultural

Evento inspirado nas “noites brancas” européias, em que museus permanecem abertos durante a madrugada. Foi criada em São Paulo, no ano de 2005, com a idéia de espalhar atividades culturais (shows, dança, teatro, filmes etc) por vários locais da cidade durante 24 horas ininterruptas.

Em 2009, o público estimado que compareceu a Virada Cultural foi de 330 mil pessoas. A cada ano observa-se um aumento do público participante e o evento se firma no calendário cultural da cidade, ganhando repercussão nacional.

Grande parte dos eventos são realizados no centro da cidade, pretendendo, assim, aproximar a população para esta área da cidade, após anos de degradação e abandono. Outra preocupação da programação da Virada Cultural é realizar shows e atrações de vários gêneros, atraindo, assim, públicos de diversas faixas etárias e grupos sócio-econômicos que, durante as 24 horas de realização da Virada, convivem e participam juntos da cultura da cidade.

A Virada Cultural tem atraído também, um grande número de turistas, o que propicia à cidade não só renda do turismo, mas solidifica a imagem de São Paulo como um pólo cultural do país e até mesmo da América Latina.

A apropriação que o público faz da cidade durante a realização desse evento é de suma importância para a sua relação com esta, pois vem de encontro à tendência cada vez maior para atividades em ambientes fechados, como as casas ou shoppings centers. A Virada Cultural acontece sobretudo nas ruas e nos equipamentos mais centrais, embora tenha, este ano, apresentado vários eventos em equipamentos de regiões mais periféricas, como CEUs e unidades do SESC, por exemplo. A Virada Cultural faz com que a população se reaproprie das ruas da cidade.

Em artigo sobre a realização edição de 2006 da Virada Cultural, CALIL (2008, p. 168) destaca a importância desse evento, que foi realizado logo após os ataques realizados pelo PCC – Primeiro Comando da Capital, na cidade de São Paulo⁸. Os casos de violência ameaçaram a realização do evento, porém

⁸ O Primeiro Comando da Capital (PCC), é uma organização criminosa paulista, com grande difusão dentro dos presídios, que, em algumas regiões, controla o tráfico de drogas, entre outros delitos. Na noite

o autor lembra que, a despeito do medo que se instalou na cidade, houve a “oportunidade de estimular as pessoas a superar o episódio e recuperar a posse da rua. E foi impressionante a adesão das pessoas que circulavam com segurança pelo centro em plena madrugada”. Para grandes cidades atingidas pela violência urbana, esta passagem reforça a idéia de quão importante é para a cidade que a população tome para si a posse e uso das ruas e dos equipamentos da cidade, não se submetendo ao medo e ao isolamento. Nesse sentido, continua CALIL (p. 170):

O que o processo da Virada Cultural nos ensinou é que o centro é o território a ser ocupado simbolicamente por todos os habitantes da cidade. Não pode continuar desconhecido dos habitantes dos bairros, como se não lhes pertencesse.

1.2.4 Leis e ações de incentivo à cultura

A Lei de Incentivo (Lei 10.923/1990) patrocina eventos culturais e iniciativas de preservação do patrimônio histórico realizados dentro da cidade de São Paulo.

Em 2008, o montante aplicado em projetos culturais somou R\$ 5,5 milhões.

Em 2009 estarão disponíveis aproximadamente R\$ 12,5 milhões de reais a serem destinados à realização de projetos das áreas de música, dança, teatro, circo, audiovisual, fotografia, literatura, artes plásticas, artes gráficas, cultura popular, acervo e patrimônio histórico, arquitetônico e cultural, museus e centros culturais⁹.

O valor de cada projeto pode variar em torno de 30 e 500 mil reais, exceto para aqueles que contemplem a área de patrimônio histórico, cultural e arquitetônico.

A falta de recursos para área cultural é fato patente na vida brasileira, com tantas demandas sociais, especialmente na área de saúde e educação, e por sua indiscutível má distribuição de renda. A cultura fica sempre por último, ou quase, nas dotações orçamentárias.

O setor privado é apontado por muitos como solução. Para isso é necessário que sejam atraídos investidores e patrocinadores objetivando dinamizar a vida cultural da cidade, podendo manter a produção cultural sem que se dependa apenas de verbas, municipais, estaduais e federais.

Porém, apesar da importância dos incentivos fiscais na área cultural, devemos ter cuidado para que os projetos patrocinados através deste mecanismo sejam acessíveis aos cidadãos sem condições de pagar por eles. Não é uma solução muito eficaz que a sociedade abra mão de parte da arrecadação de tributos municipais para bancar projetos cujo ingresso seja absolutamente fora das condições gerais da população de acesso.

Outro fato importante a ser considerado é a adoção de formas de gestão conjunta entre governo e sociedade, dos recursos destinados ao incentivo,

⁹ http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/lei_de_incentivo/index.php?p=7

possibilitando assim, a democratização da gestão cultural. Os processos de seleção devem passar por avaliações que tenham como premissa principal a transparência, evitando o favorecimento de alguns produtores ou de projetos que não sejam relevantes para a vida cultural da cidade.

1.2.5 Programa para Valorização das Iniciativas Culturais - VAI

O VAI foi instituído pela Lei 13.240/2003 e pretende, conforme o texto da Lei:

Apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais.

É importante ressaltar que, ao focalizar especialmente os jovens de baixa renda e de regiões periféricas, a própria lei assume que algumas regiões da cidade são desprovidas de “recursos e equipamentos culturais”.

ABRAMO (2008, p. 15), em livro publicado em comemoração aos 5 anos do VAI, fala desse caráter inovador:

O VAI tem um caráter inovador, exatamente porque revela uma visão diferenciada a respeito dos jovens, apostando na sua atuação, como sujeitos produtores de ações significativas para si e para a cidade, e na sua expressão cultural, como direito que cabe ao poder público apoiar. Nesse sentido, também porque designa ao Estado e não somente às instituições privadas a responsabilidade pelo “incentivo” à produção cultural.

O VAI patrocina muitas das atividades culturais oferecidas pelo CCJ e seu papel é de fundamental importância para essa dissertação, pois a cultura é entendida como eixo fundamental de garantia do desenvolvimento dos jovens e não os trata, como muitas das políticas públicas e dos discursos estabelecidos, como se esses jovens fossem apenas foco de políticas de contenção e controle.

A publicação da Prefeitura de São Paulo (2008, p. 19), em comemoração aos cinco anos do VAI, traça um histórico do programa e afirma que:

Há cinco anos tem permitido que milhares de jovens encontrem possibilidades concretas de expressão de suas experiências coletivas, sobretudo os que vivem nas periferias da cidade de São Paulo. Jovens que, mesmo diante da baixa qualidade de bens e serviços na área cultural, continuamente recusam-se à condição de imobilismo e ao papel que frequentemente lhes é atribuído pelas políticas públicas tradicionais.

Abaixo reproduziremos alguns dados sobre o VAI (Tabela 1), que foram reunidos na publicação da Prefeitura de São Paulo realizada em comemoração aos 5 anos dessa iniciativa, em 2008:

TABELA 1 - VAI 2004/2008: Quantidade de projetos envolvidos

ANO	INSCRITOS	SELECIONADOS	DESENVOLVIDOS
2004	650	67	66
2005	450	71	69
2006	758	62	59
2007	777	102	100
2008	705	115	113
Total	3340	417	407

Fonte: Prefeitura de São Paulo. "Vai - 5 Anos".

Linguagens

O VAI contempla, por seus projetos, uma ampla diversidade de linguagens, tais como: montagem, produção e apresentação de espetáculos e performances nas áreas de teatro; dança e música; há exibição e produção de vídeos e gravação de cds; oficinas ligadas às diversas linguagens artísticas; eventos culturais com manifestações de rua e em espaços fechados; festivais, cultura indígena; cultura popular; capoeira; rádio; hip hop; produção e publicação de jornais, revistas e livros; saraus; contadores de histórias; biblioteca; videoteca; projetos de memória; formação de produtores culturais; cultura digital; desenho; entre outros.

1.2.6 Teatro Municipal

Sua construção teve início em 1903, sendo inaugurado em 12 de setembro de 1911. Seu surgimento deve-se à ambição de incluir São Paulo ao circuito dos grandes espetáculos. A cidade vivia um momento econômico especial com a riqueza gerada pelo café e necessitava de um espaço para receber as grandes companhias estrangeiras de ópera e música clássica que atendiam aos anseios da elite da época.

O Teatro Municipal busca desenvolver cada vez mais o trabalho de seus corpos estáveis: a Orquestra Sinfônica Municipal, Orquestra Experimental de Repertório, Balé da Cidade de São Paulo, Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, Coral Lírico e o Coral Paulistano. Conta com uma estrutura de cerca de 900 funcionários, entre artistas e, técnicos¹⁰.

As escolas do Teatro Municipal

A Escola de Música foi fundada em 1969, com inspiração nos conservatórios europeus, pretendendo formar músicos profissionais, em especial para os instrumentos de orquestra. Os cursos têm variação de 2 a 12 anos e são ministrados todos os instrumentos de orquestra, além de regência e canto. O ingresso se dá por seleção interna, com inscrições sempre na primeira semana de outubro de cada ano.

Os cursos são gratuitos e os editais de seleção são publicados a cada ano no Diário Oficial da Cidade de São Paulo, onde são descritas as vagas disponíveis para cada faixa etária e cada especialidade.

A Escola Municipal de Bailado foi fundada em 1940 e é a única escola municipal exclusivamente dedicada ao ensino do balé clássico.

O curso é direcionado para crianças entre 8 e 13 anos, o curso tem duração de oito anos, é totalmente gratuito e seu processo seletivo se dá

¹⁰ Informação disponibilizada no site: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/teatromunicipal/corpos_artisticos/index.php?p=1035, consultado em 31/03/2009.

através de edital publicado anualmente no Diário Oficial da cidade de São Paulo.

1.2. 7 Biblioteca Mário de Andrade

Foi fundada em 1926 e detém a segunda maior coleção de documentos do país, ficando atrás apenas da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro.

Conforme informações do site da Secretaria de Cultura seu acervo em 2002 era de 3,3 milhões de itens documentais.

Em 2005, a Biblioteca Mário de Andrade adquiriu o status de Departamento, com maior autonomia administrativa, e passou a ser gerida a partir de três Divisões: Divisão de Acervo, Divisão de Difusão Cultural e Divisão Administrativa.

Seu acervo está dividido em coleções conforme descrição abaixo:

Coleção Geral

Composta de mais de 200 mil livros de todas as áreas do conhecimento humano: literatura nacional e estrangeira, história, geografia, filosofia, psicologia, ciências etc, além de obras de referência como dicionários e enciclopédias.

Coleção de Obras raras

Composto de aproximadamente 40 mil volumes de livros, 20 mil volumes de periódicos, 3.300 manuscritos, fotografias originais, cartões-postais, moedas, gravuras e desenhos.

Coleção de Artes

A coleção de artes é composta por cerca de 24 mil livros de arquitetura, urbanismo, artes plásticas, cinema, teatro, dança e música, além de ampla coleção de periódicos especializados com cerca de 37 mil volumes. Possui, também, uma hemeroteca com aproximadamente 11 mil recortes de jornais e revistas, convites de exposição, reproduções artísticas, catálogos, calendários e pôsteres.

Mapoteca

Coleção especial composta por cartas geográficas, mapas diversos, guias e folhetos turísticos, além de coleções de plantas da cidade de São Paulo, de 1810 até 2001.

Destacam-se desta coleção 34 mapas e planos manuscritos, de 1772 a 1790, de várias partes do Brasil.

Multimeios

Coleção formada por registros visuais e audiovisuais, composta também de documentos escritos (catálogos, programas, folhetos etc).

Periódicos

O acervo de periódico é composto de aproximadamente 11 mil títulos, conta com publicações raras e de importante interesse histórico.

Coleção Circulante

O acervo é composto por cerca de 35.000 obras de literatura brasileira e estrangeira, peças de teatro, livros didáticos, livros de história, de geografia, de filosofia, de ciências, dentre outros.

1.2.8 Centro Cultural São Paulo - CCSP

Foi inaugurado em 1982 e se configurou como o primeiro espaço cultural multidisciplinar do país. Oferece espetáculos de teatro, dança, música, mostras de artes visuais, projeções de cinema e vídeo, oficinas, debates, cursos, além de manter sob sua guarda importantes acervos da cidade de São Paulo: a Coleção de Arte da Cidade, a Discoteca Oneyda Alvarenga, a coleção da Missão de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade, o Arquivo Multimeios e um conjunto de bibliotecas que ocupa uma área superior a 9 mil m².

Além da Biblioteca Sergio Milliet, que contém um acervo geral em diversas áreas e que serve de apoio a pesquisas, estudos e leitura, conta com duas bibliotecas especiais que, em 2008, atenderam a 213.661 usuários¹¹:

- Gibiteca Henfil;
- Biblioteca Louis Braille que, além de disponibilizar material, também produz livros em Braille e falados.

O Centro Cultural São Paulo se apresenta como um importante equipamento cultural da cidade devido à diversidade de ofertas culturais para públicos com interesses variados e também à sua localização - próximo ao centro da cidade e à Avenida Paulista - e com acesso por várias linhas de ônibus e pelo Metrô. Sua arquitetura se integra às ruas que lhe dão acesso, facilitando a entrada da população muitas vezes sem objetivo específico. Conforme informações constantes no site:

A concepção do centro cultural foi baseada em extensa pesquisa para entender o que significava o acesso à informação em um país como o Brasil. O edifício foi projetado com o objetivo de facilitar ao máximo o encontro do usuário com aquilo que seria oferecido no centro cultural. Dessa maneira, a arquitetura do prédio não obedeceu a padrões pré-estabelecidos, privilegiando as dimensões amplas e as múltiplas entradas e caminhos.

¹¹ Dados do relatório da Diretoria do CCSP do período de 2005-2008. Disponível em : http://www.centrocultural.sp.gov.br/pdfs/relatorio_de_gestao_2005_2008.pdf (acessado em 24/07/09).

1.2.9 Galeria Olido

Localizada no Centro de São Paulo, na Avenida São João, em uma área bastante degradada, região que já foi o centro econômico, financeiro e de comércio da cidade. Mas, que nos últimos anos tem sofrido um processo de abandono por parte das empresas que estavam localizadas nessa área. Na região, também, havia diversos cinemas, que com a entrada de novos recursos audiovisuais e a construção de vários shoppings centers na cidade, com salas de projeção modernas, teoricamente protegidas da violência urbana, esvaziaram as salas localizadas na região central, como foi o caso do cinema Olido. A Galeria Olido oferece espaço para diversas atividades, tais como:

- Cine Olido – com capacidade para 236 lugares;
- Centro de Dança Umberto da Silva – tem o objetivo de promover e difundir a linguagem da dança;
- Sala Paissandu - dedicada exclusivamente a dança;
- Sala de Pesquisa e Acervo de Dança;
- Salas de ensaio - três salas planejadas especialmente para dança, com piso em madeira, barras móveis, colchonetes e equipamento audiovisual;
- Vitrine da Dança - abriga aulas de dança de salão e também apresentações musicais do projeto Rock na Vitrine;
- Ponto de Leitura - O local oferece espaço para leitura de livros, de revistas e periódicos;
- Centro de Fotografia (Espaços Expositivos).

1.2.10 Escola Municipal de Iniciação Artística - EMIA

A Escola Municipal de Iniciação Artística, criada em 1980, realiza um trabalho de iniciação às artes, para crianças de 5 a 12 anos de idade, com o objetivo de proporcionar a seus alunos uma formação artística de qualidade. Dentro de suas atividades a Escola oferece também oficinas para jovens de 13 a 18 anos, além de oficinas destinadas aos pais de alunos e à comunidade.

A Emia oferece, anualmente, oficinas gratuitas, variadas, nas áreas de Dança, Teatro, Artes Plásticas, Música, Coral.

Espaço Cultural EMIA

A EMIA está localizada dentro do Parque Lina e Paulo Raia, no metrô Conceição, e oferece à comunidade ligada à escola e à população que frequenta o parque, apresentações artísticas semanais.

Orquestra e Coral da EMIA

A EMIA possui uma Orquestra Infanto-Juvenil formada por alunos, ex-alunos e jovens da comunidade com até 16 anos, que tem como objetivo desenvolver a prática em conjunto e estimular o desenvolvimento do estudo do instrumento.

Projeto Fábulas

A EMIA possui também o Projeto Fábulas, desenvolvido ao longo do ano letivo. O projeto reúne o grupo de ex-alunos de Teatro da EMIA e a Orquestra da escola em torno da adaptação de várias fábulas de Esopo e de uma série de músicas de Bartok.

Bandemia

A escola possui uma banda musical, a Bandemia, formada em 2004 por alunos de 11 e 12 anos e ex-alunos. Sua formação musical é feita por guitarra, baixo, cavaquinho, violino, bateria, saxofone, percussão, flauta doce, piano e voz.

1.2.11 Sistema Municipal de Bibliotecas

O Sistema Municipal de Bibliotecas foi criado em 2005, pelo Decreto 46.434/2005, que reestruturou e reorganizou as várias estruturas da Secretaria Municipal de Cultural.

O decreto 46.434/2005, em seu artigo 10 definiu as atribuições do Sistema Municipal de Bibliotecas, dentre as quais destacam-se:

- Coordenar o Sistema Municipal de Bibliotecas;
- Estabelecer diretrizes, políticas e objetivos para o Sistema;
- Definir padrões de qualidade para as bibliotecas que compõem o Sistema;
- Definir protocolos que regulem as relações entre os componentes do Sistema;
- Elaborar a política de formação e desenvolvimento de acervo para as bibliotecas do Sistema;
- Elaborar plano de ação para o Sistema de Bibliotecas;
- Compartilhar e divulgar experiências bem sucedidas das bibliotecas do Sistema.

Os Departamentos de Bibliotecas Públicas e Infanto-juvenil foram fundidos e as bibliotecas passaram a atender todo o público sem divisão de faixa etária¹². Derivou desse processo uma rede de bibliotecas gerenciadas pela coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas. A partir disso, foram criadas bibliotecas pólo nas regiões da cidade: norte, sul, oeste e duas na região leste, devido à sua extensão e ao número de bibliotecas existentes.

A rede do Sistema Municipal de Bibliotecas pretende, conforme “Relatório 2005” da Secretaria de Cultura, entre outras coisas, gerenciar as unidades descentralizadas e facilitar a troca de informação entre elas, além da normatização dos serviços.

¹² Conforme prevê o primeiro parágrafo do inciso VIII do artigo 29 do Decreto 46.434/2005: “As atuais Bibliotecas Públicas (BP) passam a denominar-se Bibliotecas Municipais e a conter módulos destinados ao público infanto-juvenil em seus acervos, bem como as Bibliotecas Infanto-Juvenis a conter módulos destinados ao público adulto”.

A Biblioteca Monteiro Lobato¹³ foi elevada a divisão e tornou-se centro de referência em literatura infanto-juvenil (Decreto 46.434/2005).

O Sistema Municipal de Bibliotecas conta hoje com 54 bibliotecas públicas, distribuídas nas várias regiões da cidade. São oferecidos serviços de empréstimo e consulta de materiais impressos (livros, revistas, jornais etc), além de CDs, DVDs e CD-ROMS.

Muitas vezes, atuam de forma mais ampla que apenas bibliotecas, oferecendo diversas atividades culturais, entre elas, cinema, teatro etc. Sem dúvida as bibliotecas constituem os equipamentos culturais distribuídos de forma mais abrangente na cidade. BOTELHO (2004, p. 6) corrobora esta afirmação ao analisar a distribuição dos equipamentos culturais da cidade:

É o caso, por exemplo, das bibliotecas municipais que constituem a infra-estrutura mais bem distribuída pela cidade. Sendo 67, no total, encontram-se presentes em todas as regiões do município. Dentre elas, as bibliotecas infanto-juvenis são aquelas que atingem os pontos mais extremos da idade. Pertencentes à esfera municipal, a maioria das bibliotecas têm ações que ultrapassam suas obrigações tradicionais, mantendo projetos para públicos específicos, tais como os de estímulo à leitura, voltados para crianças, assim como projetos para a terceira idade. Desenvolvem, ao mesmo tempo, uma gama de atividades ligadas às artes (dança, música, teatro, por exemplo).

É importante ressaltar que, no artigo acima citado, publicado em 2004, a rede de bibliotecas ainda estava dividida em: Bibliotecas Públicas (adultos) e Bibliotecas infanto-juvenis. Porém, a distribuição territorial se mantém, e mais importante, hoje atende a todos os públicos. As bibliotecas localizadas em regiões mais remotas da cidade têm um importante papel a cumprir.

A partir de 2006 algumas bibliotecas pertencentes ao Sistema se tornaram bibliotecas temáticas. Em setembro de 2009, estão em funcionamento nove bibliotecas temáticas, a saber:

- Biblioteca Alceu Amoroso Lima – Poesia
- Biblioteca Belmonte – Cultura Popular
- Biblioteca Cassiano Ricardo - Música
- Biblioteca Hans Christian Andersen – Contos de Fadas
- Biblioteca Roberto Santos – Cinema

¹³ Conforme prevê artigo 3 do Decreto 46.434/2005:

- Biblioteca Mário Schenberg – Ciências
- Biblioteca Viriato Corrêa - Literatura Fantástica
- Biblioteca Prefeito Prestes Maia – Arquitetura e Urbanismo
- Biblioteca Raul Bopp – Meio Ambiente

As bibliotecas temáticas têm reforçado seu acervo nos assuntos específicos de sua atuação, mas mantêm o acervo geral comum a toda a rede. Também promovem palestras e outras atividades, tais como cursos e oficinas, sobre um determinado tema de sua especialização. Por exemplo, a biblioteca Hans Christian Andersen, especializada em contos de fadas, promove, todo semestre, cursos de Contação de Histórias, além de eventos ligados à literatura infanto-juvenil.

Por mais ampla que seja a Rede de Bibliotecas Municipais, ela não consegue acompanhar o crescimento da malha urbana. Para fazer frente a isso, a partir de 2006, foram criados os “Pontos de Leitura”, e dinamizou-se o programa de “Ônibus-biblioteca”, instituído há mais de 70 anos (ainda com Mario de Andrade no Departamento de Cultura) e também, os Bosques da Leitura.

O ônibus-biblioteca

O projeto ônibus-biblioteca possibilita o acesso das pessoas que moram em regiões mais distantes a livros, revistas e quadrinhos. Este projeto pretende suprir as necessidades de leitura dos moradores de partes da cidade que não contam com bibliotecas públicas.

Em agosto de 2009, por sugestão da população local ou pela ausência de bibliotecas públicas, quatro ônibus com roteiros pré-estabelecidos estavam circulando.

Os ônibus-biblioteca receberam um projeto visual especial para caracterizá-los: todos os veículos são de cor amarela e têm a imagem do primeiro ônibus-biblioteca da cidade no vidro traseiro.

Para fornecer alguns serviços a este projeto foi contratada a Liga Brasileira de Editoras (LIBRE), que, dentre outras atividades, organiza uma programação mensal de encontro com autores.

No ano de 2008, o Projeto Ônibus Biblioteca foi agraciado com o Prêmio Viva Leitura na Categoria Bibliotecas Públicas, Privadas e Comunitárias. Este prêmio é concedido pelo Ministério da Cultura anualmente e é disputado nas seguintes categorias: Bibliotecas Públicas, Privadas e Comunitárias; Escolas Públicas e Privadas; Sociedade: ONGs, pessoas físicas, instituições de educação superior, instituições sociais e empresas públicas e privadas.

Pontos de Leitura

A partir de 2006, foram criados dez Pontos de Leitura, instalados em espaços públicos e com acervo de aproximadamente 2.000 livros. O objetivo principal dos Pontos é atender regiões em que não há bibliotecas públicas. Até julho de 2009, os pontos criados estão distribuídos da seguinte forma:

1. Ponto de Leitura André Vital – Cidade Tiradentes;
2. Ponto de Leitura Juscelino Kubitschek – Cidade Tiradentes;
3. Ponto de Leitura Parque do Rodeio – Cidade Tiradentes;
4. Ponto de Leitura Parque Anhangüera – Parque Anhanguera;
5. Ponto de Leitura Carolina Maria de Jesus - Parelheiros;
6. Ponto de Leitura Olido – Galeria Olido;
7. Ponto de Leitura Praça do Bambuzal – Jardim Ângela;
8. Ponto de Leitura Vila Mara - São Miguel Paulista;
9. Ponto de Leitura Jardim Lapenna – São Miguel Paulista;
10. Ponto de Leitura Graciliano Ramos - Grajaú.

O Ponto de Leitura da Galeria Olido escapa à regra de se localizar em regiões onde não há equipamentos culturais, mas sua criação se justifica na intenção de criar um espaço cultural na Galeria, conforme a informação disponibilizada pela Secretaria Municipal de Cultura¹⁴.

¹⁴ Site da Secretaria Municipal de São Paulo
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/galeria_olido/

Os Pontos de Leitura, na maioria das vezes, surgem de uma demanda da própria comunidade, que consegue na subprefeitura um espaço de no mínimo 40m² e solicita a instalação de um Ponto; o Sistema de Bibliotecas fornece um acervo de cerca de 2000 itens, entre livros, revistas, jornais e obras de referência, além de mobiliário, equipamentos e funcionários. Estes espaços se tornaram importantes não só pela possibilidade de ampliar o acesso à informação em regiões que estavam desprovidas de equipamentos culturais, como também pela participação da comunidade na escolha do espaço e na organização deste. Os Pontos de Leitura, na maioria das vezes, funcionam em espaços onde já existiam equipamentos comunitários, tais como: Centros esportivos, Associação de Bairro, Associações comunitárias etc.

Bosque da Leitura

O Bosque da Leitura tem como objetivo principal oferecer o acesso à leitura e à informação em ambientes alternativos, fora dos espaços culturais tradicionais (bibliotecas, centros culturais etc). Este acesso é disponibilizado em alguns parques da cidade aos fins de semana.

A idéia central é promover um lazer cultural e divulgar os serviços oferecidos pela rede de bibliotecas públicas da cidade de São Paulo. Também se promovem eventos culturais como contação de histórias, saraus e encontros com escritores.

Conforme informações disponibilizadas pelo site do Sistema Municipal de Bibliotecas¹⁵ os Bosques da Leitura existentes até agosto de 2009, são os seguintes:

(acesso em 11/08/2009)

¹⁵ Disponívem em

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bosque_leitura/index.php?p=219

(acesso 25/08/2009)

1. Bosque da Leitura Anhanguera

Parque Anhanguera

Perus

domingos das 9h30 às 16h

2. Bosque da Leitura do Carmo

Parque do Carmo

Itaquera

sábados e domingos, das 9h30 às 16h

3. Bosque da Leitura do Ibirapuera

Parque do Ibirapuera

Ibirapuera

sábados e domingos, das 9h30 às 16h

4. Bosque da Leitura da Luz

Parque da Luz

Bom Retiro

sábados e domingos, das 9h30 às 16h

5. Bosque da Leitura do Piqueri

Parque do Piqueri

Tatuapé

Horário de Funcionamento: sábados e domingos, das 9h30 às 16h

1.3 Biblioteca pública e ação cultural do bibliotecário

TEIXEIRA COELHO, na sua obra Dicionário Crítico de Política Cultural, no verbete dedicado às “Bibliotecas” nos fala do que seria o modelo de biblioteca para os nossos dias. A seguir parte do verbete:

A idéia atual de biblioteca é a de um centro cultural ou, de todo modo, de um espaço que não privilegia mais o livro como objeto de uma coleção e dele faz um instrumento de cultura a mais, ao lado do disco, do CD-ROM, do vídeo, da obra de arte, etc. Se a biblioteca moderna e a pré-moderna eram o lugar da coleção, a biblioteca pós-moderna se apresenta (ou quer ser) como o lugar da informação, da discussão e da criação, rompendo vastamente com seus modelos passados”. (TEIXEIRA COELHO, 1997, p. 78)

Pelo exposto, verificou-se que as bibliotecas do Sistema Municipal de Bibliotecas têm incorporado esse papel. Ao promover diversos eventos e atividades culturais alguns não ligados diretamente ao livro, como é o caso: teatro, música e dança vocacional, oficinas de grafite, entre outras atividades, assumem seu lugar “de informação, de discussão e de criação” e permitem ao público não só se informar sobre uma linguagem artística, como também discuti-la e criar sua própria obra.

No caso da biblioteca do CCJ de que trataremos no capítulo 2, podemos observar que parte do público faz uso dela para atividades não convencionais a uma biblioteca. Além de atividades de leitura e estudo, também os freqüentadores buscam cursos de línguas, assistem a palestras, participam de saraus e assistem sessões de cinema.

Embora não possamos dissociar as atividades da biblioteca do livro, este pode não ser o suporte único, algumas vezes nem é o suporte central, porém fundamental, pois complementa e articula as atividades desenvolvidas no âmbito da biblioteca.

Há ainda muito espaço para que a biblioteca pública, de forma geral, amplie e valorize seu papel, afirmando-se como instituição de democratização do acesso à cultura, à informação e como espaço de lazer, como nos aponta Jaramillo (2005, p. 43):

A Biblioteca Pública é uma instituição de caráter social e cultural, financiada e regulamentada pelo Estado, cuja finalidade é possibilitar o acesso livre e gratuito à informação registrada em diferentes suportes documentais, que responda a alguns critérios de seleção e aquisição, para a satisfação das necessidades no plano educativo, informativo, cultural e de uso do tempo livre.¹⁶

JARAMILLO (2005, p. 34), aponta ainda a importância das bibliotecas públicas, que considera terem “um grande potencial de intervenção nas dinâmicas sociais, se se julga a partir da contribuição que podem fazer, direta e indiretamente, para a solução das desigualdades econômicas, culturais, educativas e organizativas, ao favorecer o equilíbrio no desenvolvimento das pessoas”¹⁷.

Outro conceito que nos serve de base para a discussão sobre as bibliotecas, os equipamentos culturais e particularmente o CCJ, é o conceito de acesso cultural, para tanto utilizaremos esse conceito como foi definido por TEIXEIRA COELHO:

É a comunicação com uma unidade de produção, distribuição ou troca de produtos culturais (biblioteca, sala exibidora, sala de espetáculos, estúdios de gravação, etc.). O acesso é condição material prévia que possibilita a produção e o consumo de produtos culturais.

Segundo sua natureza, o acesso distribui-se em:

1. acesso físico – possibilidade de contato direto com ou de exposição a unidade ou modo cultural;
2. acesso econômico – possibilidade econômica de produzir ou consumir um produto cultural;
3. acesso intelectual – possibilidade de uso e ou apropriação efetiva do produto cultural.

Esses modos de acesso incluem, exemplificadamente:

- a) acesso à informação – contato com os procedimentos de divulgação da vida cultural (TV, jornais, revistas, etc.);
- b) acesso a equipamentos de produção – câmeras de vídeo, de fotografia, computadores, etc.;
- c) acesso à reprodução – equipamentos que permitem o consumo cultural. (TEIXEIRA COELHO, 1997, p. 35)

¹⁶ La Biblioteca Pública es una institución de carácter social y cultural, financiada y reglamentada por el estado, cuya finalidad es posibilitar el acceso libre y gratuito a la información registrada en diferentes soportes documentales, que responda a unos criterios de selección y adquisición, para la satisfacción de necesidades en el plano educativo, informativo, cultural y de uso del tiempo libre.

¹⁷ “un gran potencial de intervención en las dinámicas sociales, si se juzga a partir de la contribución que puede hacer, directa e indirectamente, para la solución de las desigualdades económicas, culturales, educativas y organizativas, al favorecer equilibrio en el desarrollo de las personas”.

Ao refletir sobre a biblioteca pública também devemos analisar o papel do profissional bibliotecário e a qualidade de sua ação como mediador e gerenciador desse equipamento. No caso da biblioteca do CCJ, que será analisada posteriormente, o papel do bibliotecário é de fundamental importância para a sua ação: este profissional não só é um organizador do espaço, mas também participa e debate a programação do Centro como um todo, de modo a integrar a biblioteca às demais atividades do CCJ.

Para melhor fundamentarmos essa análise o conceito de Ação Cultural é de fundamental importância. Para tanto voltaremos ao Dicionário de Política Cultural de TEIXEIRA COELHO, para a definição de Ação Cultural.

O autor estabelece dois tipos de ação cultural: a ação cultural de serviços e a ação cultural de criação, mas para fins dessa dissertação usaremos o que ele chama de “ação cultural de criação, ou ação cultural propriamente dita”, que é assim definida:

Fazer a ponte entre as pessoas e a obra de cultura ou arte para que, dessa obra, possam as pessoas retirar aquilo que lhes permitirá participar do universo cultural como um todo e aproximarem-se umas das outras por meio da invenção de objetivos comuns. Neste sentido, o termo criação é tomado em seu sentido mais amplo: não se refere apenas à construção de uma obra, à sua elaboração física, mas também ao desenvolvimento das relações entre as pessoas e uma obra – e das pessoas entre si por intermédio da obra – que permitirão a apreensão mais larga possível do universo da obra e a ampliação dos universos pessoais” (TEIXEIRA COELHO, 1997,p. 33)

Poderíamos concluir afirmando que a biblioteca do CCJ e algumas bibliotecas que compõem o Sistema Municipal de Bibliotecas contam com profissionais que trabalham de forma a “fazer essa ponte entre a obra de cultura ou arte e as pessoas”.

1.4 Análise dos equipamentos

O mapeamento dos equipamentos e projetos mantidos pela Secretaria Municipal de Cultura nos permite observar que em que pese os esforços das últimas gestões no sentido de descentralizar a oferta cultural, ainda há problemas em sua distribuição pelos bairros da cidade. Dentre os equipamentos públicos, apenas a rede de Bibliotecas Públicas atua de forma mais distribuída pela cidade. Embora ainda apresente grandes lacunas nas regiões periféricas, compensa, de certa forma, a concentração dos equipamentos nas zonas mais centrais da cidade com a presença dos Pontos de Leitura e com a ampliação do programa Ônibus-biblioteca e os Bosques de Leitura.

BOTELHO (2004, p. 1), ao analisar o mapa de distribuição dos equipamentos culturais da cidade, chama a atenção para essa distribuição desigual, como podemos observar no texto abaixo:

A se considerar a cidade de São Paulo do ponto de vista da distribuição de equipamentos públicos e privados de cultura, poderíamos dizer que o quadro que se apresenta não é surpreendente. O que se revela é uma cidade desequilibrada onde há uma baixa correspondência entre crescimento urbano e a distribuição dos equipamentos culturais.

Algumas coisas novas, mais no âmbito de projetos que de equipamentos, têm surgido nos últimos anos, como é o caso dos “Vocacionais” – teatro, música e dança, ou do VAI, que tem beneficiado de forma positiva projetos de jovens moradores das periferias, que, além de serem incentivados financeiramente, têm a liberdade de apresentar projetos com linguagens alternativas, como o RAP.

Um outro fator sobre o qual devemos refletir é o patrocínio privado da cultura. Muitas das atividades culturais da cidade são financiadas por empresas que pretendem ter seu nome associado à cultura e criam espaços culturais com sua marca, tais como: Espaço Unibanco, Itaú Cultural, dentre outros. Há também os espetáculos pagos beneficiados por incentivos fiscais tanto na instância federal, como estadual e municipal.

Essas ações da iniciativa privada têm sua concentração majoritariamente no centro atual da cidade, região da Avenida Paulista e em alguns bairros nobres das zonas sul e oeste. As regiões menos centrais da cidade não contam com os equipamentos culturais oriundos da ação da iniciativa privada, com exceção da Rede SESC, que atua em diversos bairros, com programação variada e de qualidade.

A discussão não se encerra na questão da distribuição dos equipamentos, como nos alerta BOTELHO (2004, p. 2), pois muitas experiências provam que não basta criar política de facilitação do acesso à cultura e de democratização, mas é importante relevar a questão da pluralidade de públicos e de padrões culturais, e o sucesso dessas políticas é necessário aceitar essas diversidades dialogando com elas para oferecer a ação adequada. O CCJ tenta atender a esse público, ainda não frequentador de espaços culturais, ao oferecer uma programação equilibrada entre espetáculos consagrados, tanto de teatro, música etc, e oferecer também uma programação produzida por grupos ainda não reconhecidos, mas com fortes vínculos em suas comunidades, como é o caso de muitos projetos patrocinados pelo programa VAI.

1.5 Disponibilidade e uso dos equipamentos culturais

Os dados que serão analisados abaixo foram retirados do “Infocidade”, disponível no site da Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura de São Paulo¹⁸. Algumas tabelas não foram reproduzidas, pois elas apenas indicam a total ausência de equipamentos. Foram analisados os dados das subprefeituras de Casa Verde/Cachoerinha e Freguesia/Brasilândia, área do entorno do CCJ e que, conforme dados levantados pela pesquisa desta dissertação, abrigava a maioria dos frequentadores do Centro Cultural estudado aqui.

A seguir, reproduzimos o mapa das bibliotecas públicas na cidade de São Paulo (Figura 1) disponível no web site da Secretaria de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Ao analisarmos o mapa verificamos que há uma maior

¹⁸ <http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/infocidade/index.php?cat=6&titulo=Cultura> (acesso em 14/06/2009)

concentração desses equipamentos nos bairros mais centrais e grandes vazios em amplas áreas periféricas.

FIGURA 1 – Mapa de distribuição das bibliotecas públicas na cidade de São Paulo



Fonte: Secretaria de Cultura de São Paulo. Sistema Municipal de Bibliotecas

Dados organizados pela Secretaria de Cultura da Cidade de São Paulo e publicados no “Relatório de 2005” da Secretaria fornecem-nos informações sobre o uso do Sistema Municipal de Biblioteca:

- O Sistema Municipal de Bibliotecas investiu no ano de 2005 R\$ 932 mil na compra de livros, foram adquiridos 43.900 exemplares e assinatura de 43 títulos de periódicos.
- O acervo acumulado somando todas as bibliotecas no ano de 2005 era de 2.458.192 e o público que frequentou as bibliotecas neste mesmo ano foi 2.060.282 pessoas.
- Abaixo reproduzimos uma tabela disponível no relatório com o número e tipo de eventos promovidos pela rede de bibliotecas e o público desses eventos:

TABELA 2 - Sistema Municipal de Bibliotecas / Atividades

Programação	Eventos	Público
Cinema e vídeo	163	5.873
Contação de histórias	644	24.764
Eventos diversos	126	8.233
Exposições e mostras	297	121.764
Oficinas e workshops	894	19.880
Palestras, seminários e debates	94	5.703
Saraus	58	2.242
Teatro, música e dança	188	12.447
Espectáculos e atividades para a Terceira idade	622	23.608
Visitas monitoradas	18	730
Total	3.495	232.607

Fonte: Relatório 2005 – Secretaria Municipal de Cultura

Na área das subprefeituras de Casa Verde/Cachoerinha e Freguesia/Brasilândia, temos as seguintes bibliotecas:

- Biblioteca Afonso Schmidt – Av. Elísio T. Leite, 1470 – Freguesia do Ó;
- Thales Castanho de Andrade - Rua Dr. Artur Fajardo, 447 – Freguesia do Ó.

Conforme os dados disponibilizados no relatório da Secretaria Municipal de Cultura de 2005, além de informações disponíveis no site do Sistema Municipal de Bibliotecas construímos o quadro abaixo com algumas informações relativas às bibliotecas: Afonso Schmidt e Thales Castanho de Andrade:

QUADRO 1 – Dados sobre as bibliotecas públicas da Freguesia do Ó

	Afonso Schmidt	Thales Castanho de Andrade
Ano de inauguração	1966	1965
Acervo (2005)	47.168	38.289
Público (2005)	20.619	13.256
Origem	Biblioteca Pública	Biblioteca Infanto-juvenil ¹⁹
Telecentro	Sim	Sim

Fonte: Relatório da Secretaria Municipal de Cultura de 2005 e site da secretaria <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cultura>

Algumas observações podem ser registradas: ambas as bibliotecas foram inauguradas na década de 60 e, em virtude da divisão que havia entre bibliotecas públicas e infanto-juvenis, foram construídas muito próximas não se distanciam mais que 1,5 km.

Podemos inferir que o acervo de ambas as bibliotecas é numericamente satisfatório, porém a frequência se apresenta bem reduzida, conforme os dados do ano de 2005. Apenas para fins comparativos temos a frequência

¹⁹ Situação anterior a fusão das bibliotecas e a criação do Sistema Municipal de Bibliotecas, em 2005.

mensal na biblioteca do CCJ de aproximadamente 4.000 pessoas e o acervo é de 9135 livros.

De maneira geral, o levantamento demonstrou a quase inexistência de outros equipamentos culturais na região das subprefeituras da Casa Verde/Cachoeirinha e Freguesia/Brasilândia. Desta forma, optou-se pela apresentação apenas das totalizações em cada item.

TABELA 3 – Total de Cinemas, Salas de Teatros e Centros Culturais nas Subprefeituras Casa Verde/Cachoeirinha e Freguesia/Brasilândia, Cidade de São Paulo, 2006

Unidades Territoriais	Cinema		SALAS DE TEATRO	No. Centros Culturais, Espaços Culturais e Casas de Cultura
	Salas	Assentos	Assentos	
Casa Verde/Cachoeirinha	-	-	-	-
Cachoeirinha	-	-	-	-
Casa Verde	-	-	-	-
Limão	-	-	-	-
Freguesia/Brasilândia	-	-	-	1
Brasilândia	-	-	-	-
Freguesia do Ó	-	-	-	1

Fonte: Infocidade – Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura de São Paulo²⁰

Na Freguesia do Ó temos uma exceção: A Casa de Cultura Salvador Ligabue, localizada na Praça da Matriz da Freguesia do Ó, bem no centro do bairro, que objetiva oferecer cursos e apresentações culturais de qualidade. Oferece, também, aulas de teatro, yoga, além de cursos de grafite, pintura, dentre outros. Está ligada administrativamente à subprefeitura da Freguesia/Brasilândia.

²⁰ <http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/infocidade/index.php?cat=6&titulo=Cultura>

TABELA 4 – Total de Galerias de Artes, Museus, Salas de Shows e Concertos e Salas de Teatros e Cinemas nos Centros Educacionais Unificados – CEUs nas Subprefeituras Casa Verde/Cachoeirinha e Freguesia/Brasilândia, São Paulo, 2006.

Unidades Territoriais	Galerias de Artes	Museus	Salas de Shows e Concertos	Salas de Teatros e Cinemas - CEUs	
				Total	Assentos
Casa Verde/Cachoeirinha	-	-	-	-	-
Cachoeirinha	-	-	-	-	-
Casa Verde	-	-	-	-	-
Limão	-	-	-	-	-
Freguesia/Brasilândia	-	-	-	1	450
Brasilândia	-	-	-	-	-
Freguesia do Ó	-	-	-	1	450

Fonte: Infocidade – Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura de São Paulo

Novamente o bairro da Freguesia do Ó é uma exceção, pois possui o CEU PAZ, inaugurado em 2004. Em 2008, outro CEU foi inaugurado neste mesmo bairro, trata-se do CEU JARDIM PAULISTANO²¹. Este CEU está localizado no Jardim Paulistano que abrange uma área periférica do distrito e atende um público menos próximo do Centro da Cidade do que o CEU PAZ, além de estar em uma comunidade de baixa renda e alta vulnerabilidade social²².

Conforme a pesquisa realizada pelo Centro de Estudos da Metrópole, vinculado ao CEBRAP, a região da Brasilândia, e, especialmente, o Jardim Paulistano, apresentam altos índices de vulnerabilidade social. Reproduzimos a seguir as definições dadas para fins da pesquisa e o mapa da região:

²¹ Este CEU ainda não foi incluído nas estatísticas da Prefeitura, por isso, não consta na tabela 2 que apresenta o panorama dos equipamentos culturais na cidade no ano de 2006.

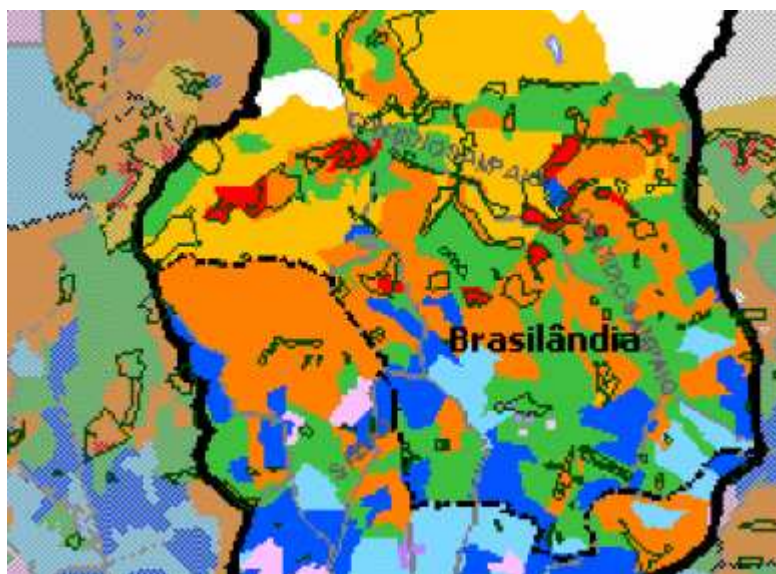
²² Conforme dados da pesquisa do Centro de Estudos da Metrópole, disponível em <http://www.centrodametropole.org.br/mapa.html#mapas>, a região do Jardim Paulistano apresenta variações entre os índices: Alta privação e jovens, Alta privação e adultos e Altíssima privação. Essas concepções são definidas da seguinte forma:

Alta privação – condições de precariedade socioeconômicas médias e presença de famílias jovens (Grupo 5): este grupo é formado por 6,0% dos setores censitários, englobando 7,5% da população do município. Caracteriza-se pela presença de chefes jovens – idade média de 38 anos, 28% dos chefes com idade entre 10 e 29 anos - com baixos níveis de rendimento (67,2% dos responsáveis pelo domicílio ganham até 3 salários mínimos) e escolaridade (apenas 25% dos chefes de família têm ensino fundamental completo). É o segundo pior grupo nos indicadores de renda e escolaridade. Neste grupo observa-se o menor percentual de chefes mulheres, 21,5%, sendo que 18,5% delas possuem até 8 anos de escolaridade, no máximo. Espacialmente, localiza-se nas áreas periféricas do município de São Paulo. **(Cor amarela)**

Alta privação – condições de precariedade socioeconômicas altas e presença de famílias adultas (Grupo 7): este grupo é formado por 16,2% dos setores censitários, com 18,0% da população. É caracterizado por chefes adultos, com baixa renda (60,4% ganham até 3 salários mínimos) e baixa escolaridade (apenas 31,5% dos chefes têm ensino fundamental completo). Apresenta ainda grande concentração de crianças de 0 a 4 anos e forte presença de adolescentes (11,2% da população do grupo têm entre 15 e 19 anos), além de 30% dos responsáveis serem do sexo feminino (25,4% com até 8 anos de escolaridade). No Mapa 3, nota-se que esse grupo está tipicamente presente nas áreas periféricas. **(Cor laranja)**

Altíssima privação (Grupo 8): este grupo é formado por 3,1% dos setores censitários, e engloba 3,8% da população. Caracteriza-se por possuir os piores indicadores do município de São Paulo. Possui a maior concentração de crianças de 0 a 4 anos (13,7% da população), grande concentração de jovens de 15 a 19 anos (11,1% da população do grupo) e baixa idade média do responsável (38 anos). Seus indicadores de escolaridade são péssimos: apresenta a pior taxa de alfabetização entre todos os grupos, só 81,8% do total de responsáveis; apenas 19,1% dos responsáveis têm ensino fundamental completo; entre os responsáveis do sexo feminino, 91,8% possuem até 8 anos de escolaridade. Também apresenta os piores indicadores de renda: 75,9% dos responsáveis por domicílio ganham até 3 salários mínimos. **(Cor vermelha)**

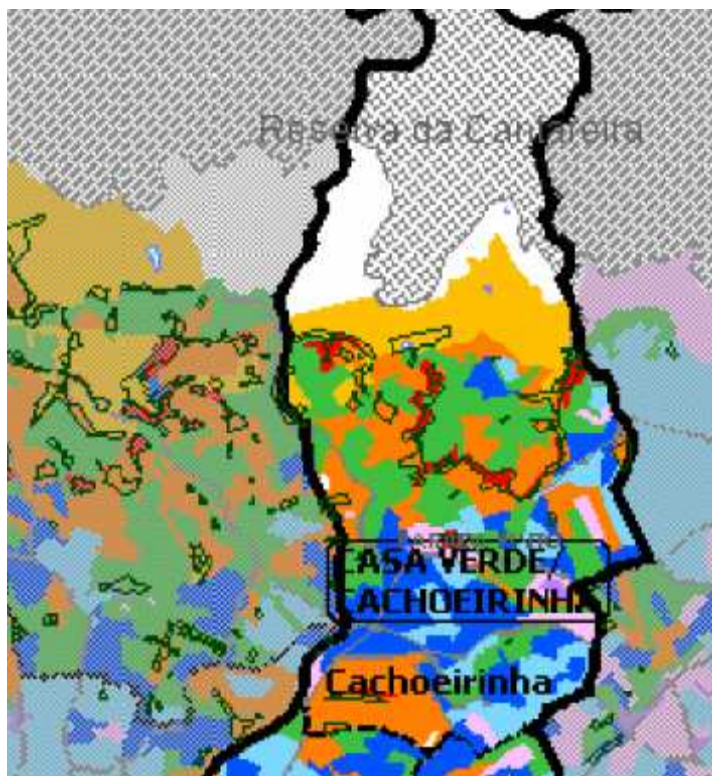
FIGURA 2 - Mapa da Vulnerabilidade social – Brasilândia/Freguesia



Fonte: Centro de Estudos da Metrópole / CEBRAP

<http://www.centrodametropole.org.br/mapa.html#mapas>

FIGURA 3 - Mapa da Vulnerabilidade social – Casa Verde/Cachoeirinha



Fonte: Centro de Estudos da Metrópole / CEBRAP
<http://www.centrodametropole.org.br/mapa.html#mapas>

Apesar da proposta de inclusão cultural, tecnológica, esportiva, educacional e social utilizada na concepção dos CEUs²³, devemos ressaltar que estes são essencialmente equipamentos educacionais, embora se espere que eles ofereçam atividades culturais à comunidade.

Diante deste quadro de pouca oferta de atividades culturais na área estudada, fica patente o que poderíamos chamar de “exclusão cultural”. Para que a população se locomova até os bairros onde há ofertas de equipamentos culturais, é necessário, além de vontade, disponibilidade de tempo, recursos

²³ Conforme a apresentação dos CEUs no site da Secretaria de Educação, sua proposta é: “Com programação variada para todas as idades, os CEUs garantem aos moradores dos bairros mais afastados acesso a equipamentos públicos de lazer, cultura, tecnologia e práticas esportivas, contribuindo com o desenvolvimento das comunidades locais”. Disponível em: <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Anonimo/CEU/apresentacao.aspx?MenuID=159&MenuIDAberto=135> (acesso em 15/09/2009)

financeiros e também motivação. Para que essa motivação surja é necessário o conhecimento desse público e a oferta de programas de formação, o que só é possível após contatos anteriores. Essa situação trás-nos um impasse, como esclarece BOTELHO (2004, p. 13):

As pesquisas internacionais existentes apontam para o fato de que as maiores barreiras para à aquisição de hábitos culturais são de ordem simbólica. A primeira lição que se extrai dessa evidência é a lei dos sistemas de gostos: não se pode gostar daquilo que não se conhece; logo, o gostar ou não gostar só podem existir dentro de um universo de competência cultural, significando uma soma de competência institucionalizada pela hierarquia social, pela formação escolar e pelos meios de informação. Nesse sentido todos os estudos internacionais sobre práticas e consumos culturais mostram que é necessário observar a correlação entre acessibilidade a equipamentos (que tem diretamente a ver com os mapas de distribuição) e outros fatores, tais como recursos econômicos, escolaridade e a existência de hábitos culturais prévios aliados à educação.

A citação da autora presta-se, perfeitamente, à análise da situação da população da região do CCJ: se não se tem acesso (por falta dos equipamentos culturais) e nem se tem uma formação de gosto anterior (pela situação socioeconômica e educacional), como será possível mudar e elevar o padrão cultural desta parte da população que está excluída das possibilidades de transformar essa realidade?

Para refletirmos sobre o conceito de exclusão, que é amplamente usado, mas pouco definido, nos basear-nos-emos, sobretudo, na obra de Aldaíza Sposati, coordenadora do Mapa da Exclusão/Inclusão Social, citado na bibliografia, e de outros autores que a complementam.

SPOSATI, analisa a evolução histórica do conceito de exclusão. Lembra que, a partir, da segunda metade do século XX, o conceito de exclusão assume um caráter de “conceito/denúncia”, e que, a partir da Segunda Guerra Mundial, surge a noção de responsabilidade social e pública. Para a autora, se as políticas públicas não atenderem as diferentes necessidades da população com equidade, romperam essa responsabilidade e causaram a exclusão de parte da população. A autora afirma que “a exclusão é a negação da cidadania” (SPOSATI, 1998, p. 2).

SPOSATI (2000), no Mapa da Exclusão/Inclusão, estabelece parâmetros para a definição de exclusão social e destaca que ela pode assumir diversas formas: “cultural, econômica, social, política que podem se completar”.

- A exclusão social é multifacetada;
- É um conceito histórico construído a partir de uma ética humana;
- Supõe diversas formas: cultural, econômica, social e política que podem se complementar;
- Indica os rumos e decisões que uma sociedade adota entre seus pares;
- Sua análise é vinculada à idéia de inclusão;
- Ocorre a exclusão de uma inclusão;
- Sua análise supõe objetivar a utopia da inclusão.

Poucos trabalhos sobre exclusão social tratam de forma relevante o aspecto cultural, pois talvez ainda estejamos presos à visão de exclusão associada à pobreza e à falta de bens materiais.

Os jovens, especialmente, necessitam criar um universo cultural que favoreça sua inserção na sociedade, dando-lhes uma identidade de grupo em meio a uma sociedade em que a identidade que costuma prevalecer está associada ao consumo de bens materiais.

MARTÍN-BARBERO (2008, p. 12) analisa a situação atual da juventude e demonstra certo pessimismo em sua análise, conforme trecho citado a seguir.

Estamos diante de uma juventude que possui mais oportunidades de alcançar a educação e a informação, porém, muito menos acesso ao emprego e ao poder, dotada de maior aptidão para mudanças produtivas, mas que acaba sendo, no entanto, a mais excluída desse processo; com maior influência ao consumo simbólico, mas com forte restrição ao consumo material; com grande senso de protagonismo e autodeterminação, enquanto a vida da maioria se desenvolve na precariedade e na desmobilização; e, por fim, uma juventude mais objeto de políticas do que sujeito-ator de mudanças.

Na linha de raciocínio de MARTÍN-BARBERO poderíamos complementar refletindo como se sentem esses jovens que, principalmente através da televisão, percebem um mundo onde o jovem é parte fundamental, modelo a ser seguido, mas em que eles, paradoxalmente, estão absolutamente impossibilitados de se incluir, pois a distância entre a periferia e o centro talvez não possa ser medida apenas em quilômetros. Há uma distância comportamental, de consumo. Além disso, muitas vezes esses jovens têm seu

acesso à cidade limitado até mesmo pelas forças policiais de segurança, que, ao verem um jovem com aparência de ser morador de bairros periféricos/favelas, imediatamente os abordam e aplicam seus procedimentos de intimidação. Talvez não caiba aqui a discussão da repressão realizada pelas forças policiais, mas não podemos deixar de ao menos, levantar esse ponto quando se trata da inserção/inclusão destes jovens.

Para aprofundar essa reflexão, Amartya Sen, que considera a cultura parte relevante do desenvolvimento, fornece-nos algumas pistas. SEN (2000, p. 10) ressalta que, “para combatermos os problemas que enfrentamos, temos que considerar a liberdade individual um compromisso social” e complementa essa idéia ao afirmar que “o desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente”.

Em outro momento de seu livro o autor trata da relação entre a pobreza e a privação de outros tipos de liberdade, a liberdade de se deslocar no espaço da cidade, a liberdade de acessar à informação e à cultura, nesse sentido o autor nos diz: “o notável fato de que a privação de liberdade econômica, na forma de pobreza extrema, pode tornar uma pessoa uma presa indefesa na violação de outros tipos de liberdade” (SEN, 2000, p.23).

A partir das informações levantadas no capítulo 1 podemos afirmar que:

- A cidade de São Paulo conta com grande diversidade de tipos de equipamentos culturais mantidos pela Secretaria Municipal de Cultura;
- A distribuição dos equipamentos se dá de forma desigual, encontrando-se equipamentos nas áreas mais centrais, verificando-se grandes áreas urbanas com total ausência desses equipamentos, ou com baixa frequência dos mesmos;
- Os equipamentos culturais presentes em um número maior de regiões na cidade são as bibliotecas;
- As bibliotecas públicas apesar de mais bem distribuídas pela cidade não conseguem atingir todas as regiões. Disso decorre a criação de

soluções alternativas, tais como: ônibus-biblioteca, pontos de leitura e bosques de leitura.

- As bibliotecas públicas atuam de forma bastante diversificada, indo às vezes muito além da oferta de livros, periódicos e outras mídias para empréstimos e consulta: atuam de forma a ampliar o público leitor, especialmente com crianças, e oferecem, muitas vezes, peças de teatro, cinema, saraus etc;
- Por último poderíamos inferir que, se não há oferta, não há formação de público. Com isso ficamos num impasse: excluimos parte da população da oferta cultural e não agimos no sentido de reparar essa situação.

Capítulo 2

2. Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso - CCJ

Trataremos da criação do CCJ, de sua atuação, localização, público-alvo e outras informações. Este equipamento, como indicado anteriormente, é um equipamento inovador, pois, o público é em sua maioria os jovens (normalmente não objeto específico das políticas culturais), sua localização (bairro periférico com baixa presença de equipamentos culturais) e programação (bastante diversificada, pretendendo não só oferecer a produção dos próprios jovens, como espetáculos consagrados, objetivando a ampliação do acesso cultural de seu público).

2.1 Histórico e localização

O CCJ foi criado em 27 de março de 2006, está localizado no bairro de Vila Nova Cachoeirinha, na zona norte da cidade. Ao ser criado pelo Decreto Municipal 46.994 de 2006, o CCJ foi denominado de “Centro da Cidadania da Juventude”, o decreto de criação previa sua subordinação à Secretaria Especial para Participação e Parceria da Prefeitura de São Paulo, por meio da Coordenadoria da Juventude.

No mesmo ano de 2006 é publicado o Decreto 47.388 que reorganiza o CCJ, passando a ter a denominação “Centro Cultural da Juventude” e transferindo sua subordinação à Secretaria Municipal da Cultura.

Possui uma área de 8000 metros quadrados, situa-se em um local alto o que o torna bem visível de vários ângulos da região. Muito próximo ao CCJ localiza-se o terminal de ônibus da Vila Nova Cachoeirinha, com linhas que interligam vários bairros da zona norte, assim como o Centro da cidade, a região da Paulista, Pinheiros e outros bairros mais centrais.

A idéia de criação do CCJ surgiu a partir de uma visita da Coordenadora da Juventude à região da Vila Nova Cachoeirinha. No local, havia um prédio, ou mais precisamente um esqueleto de prédio, abandonado, que pertencia à

Prefeitura da Cidade de São Paulo. Foi discutida a possibilidade de se utilizar o prédio como equipamento voltado aos jovens.

Para subsidiar a criação do centro, a equipe do CCJ, coordenada por Luciana Guimarães, na época responsável pela Coordenadoria da Juventude, baseou-se em um estudo²⁴ realizado pelo CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária sobre o Distrito de Brasilândia, bairro contínuo da Vila Nova Cachoeirinha onde está localizado o CCJ.

O relatório organizado pelo CENPEC, intitulou-se “Projeto Brasilândia”, e foi realizado pela equipe de pesquisa do Centro, partindo do referencial estabelecido pelo “Mapa da Exclusão/Inclusão Social de São Paulo”, organizado por Aldaíza Sposati. A pesquisa se baseou em três pontos: diagnóstico da região com dados estatísticos; histórico da região; pesquisa com moradores e instituições locais.

Parte dos dados obtidos no referido relatório, foram coletados através de entrevistas e depoimentos com moradores da região, que apontaram, dentre outras coisas, que na região faltavam “cinemas e **centros de cultura**”.

Neste relatório do CENPEC, consta a indicação dada pela comunidade sobre a utilização do espaço, que viria a abrigar o CCJ, por um equipamento cultural, conforme vemos na passagem a seguir:

Existe uma demanda muito grande na região, no que diz respeito a atividades e equipamentos culturais, inclusive, algumas organizações reivindicam a construção desse centro educacional e cultural naquela área ao lado do cemitério da Cachoeirinha, que foi abandonada pela administração municipal no período Jânio Quadros²⁵.

As observações acima, demonstram que a população tinha clareza da ausência de equipamentos culturais na região e da necessidade da criação desses espaços.

Nos dois primeiros anos de existência do CCJ ele foi gerido em cooperação com o CIEDS – Centro Integrado de Estudos e Programas de

²⁴ O relatório do “Projeto Brasilândia” compõe o dossiê de documentos de criação do CCJ, está disponível para consulta no local (é necessária a autorização prévia).

²⁵ A área citada é exatamente onde foi construído o CCJ.

Desenvolvimento Sustentável²⁶. O CIEDS contribuiu, também, na formulação do projeto inicial de criação do CCJ e no desenvolvimento de sua programação. Esta parceria se deu em função de dois motivos principais: a necessidade de experiência na gestão e implementação de políticas públicas voltadas à juventude e por questões de ordem burocrática e orçamentária no âmbito da Prefeitura de São Paulo. Porém, essa administração híbrida manteve-se apenas nos dois primeiros anos, conforme havia sido estabelecido nas regras iniciais da parceria, tempo necessário para a consolidação do projeto.

O CIEDS possui uma grande experiência em gestão de espaços culturais voltados para os jovens de bairros periféricos e pôde complementar a proposta da Coordenadoria da Juventude de criar um equipamento cultural voltado especialmente aos jovens.

A proposta teve como princípio ver a juventude de forma positiva, como demonstra a seguinte passagem do documento publicado pelo CCJ²⁷, quando o CIEDS deixou de participar:

Lá, ninguém quer decalcar, mais uma vez, os estigmas da violência, das drogas, ou da gravidez precoce. O CCJ Ruth Cardoso não é e nem pretende ser contraponto, compensação ou alternativa. Ele é positividade, afirmação e afirmativo.

Após esses dois anos de parceria, o CIEDS se retira e o centro passa a ser administrado apenas pela Secretaria Municipal de Cultura e não mais pela Coordenadoria da Juventude da Secretaria de Promoção e Parceria.

Outro ponto importante dos decretos que regulamentam o CCJ é a presença de um Conselho Consultivo que atualmente, estabelecido pelo Decreto 47.603 de 2006, é composto de: cinco membros do Poder Público e quatro membros da Sociedade Civil.

²⁶ O CIEDS é uma Organização Não Governamental – ONG que trabalha com a formação e a transformação dos grupos sociais. Foi criado em 1998, com o objetivo de interagir com agentes locais, contribuindo para sua organização e capacitação. A metodologia fundada para a formulação dos projetos partiu da premissa que o grau de sucesso na construção e implementação de ações socioeconômicas está diretamente relacionado à capacidade dos atores locais estabelecerem alianças estratégicas, não só a nível local. Dados sobre o CIEDS disponíveis em <http://www.cieds.org.br/> (acesso 15/09/2009)

²⁷ Documento disponível em <http://centrodajuventude.prefeitura.sp.gov.br>, consultado em (agosto de 2009)

A partir de 2008, através do Decreto 50.121, o CCJ passa a ser chamado de Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso, antropóloga e intelectual bastante envolvida com as questões relativas à juventude.

2.2 Objetivos estratégicos instituídos pelo CCJ

Conforme documentos de divulgação produzidos pelo CCJ em 2008 e informações constantes de seu site, seus objetivos são:

- I. Promover atividades culturais e estimular a produção artística;
- II. Produzir e divulgar informações de interesse dos jovens;
- III. Ampliar a formação, o conhecimento, as oportunidades e as habilidades que auxiliem na inserção social dos jovens;
- IV. Criar alternativas de lazer e convívio;
- V. Articular-se com entidades e instituições ligadas à cultura e ao universo da juventude, bem como integrar e apoiar iniciativas locais.

Para a consecução de seus objetivos, o CCJ elabora uma programação composta por 10 Programas: A hora e a vez do vestibular; Artes visuais; Audiovisuais; Aventura dos idiomas; Artes cênicas; Cultura digital; Encontros (com autores ou especialistas); Faça você mesmo; Musicais; Reflexões. Estes programas, juntos, promovem 31 Projetos. Os Projetos são estruturados sobre três eixos, sendo eles:

- a. Acesso a uma programação elaborada e contratada por seus gestores;
- b. Oferta de seus espaços e recursos para a produção artística e cultural dos jovens;
- c. Reflexão sobre a pertinência e a qualidade das iniciativas – públicas ou privadas – voltadas para o público jovem.

Por meio de seus programas e projetos culturais gratuitos, O CCJ pretende que os jovens se reconheçam como sujeitos de direitos, ampliem seus repertórios e, assim, possam realizar escolhas com maior autonomia.

2.3 Ambientes e linguagens artísticas

O CCJ pretende na sua programação contemplar todas as linguagens artísticas, e prevê, também, que parte da programação seja de espetáculos produzidos pelos próprios jovens. A proposta prevê conjugar a produção desses jovens a espetáculos já consagrados, de modo a contribuir para a ampliação do repertório cultural dos jovens frequentadores.

O CCJ oferece um espaço diversificado, onde se desenvolvem diferentes atividades, a saber:

- Anfiteatro e Teatro de arena - recebe espetáculos de profissionais e iniciantes e tem capacidade para até 200 pessoas;
- Internet livre em banda larga;
- Área de convivência;
- Estúdio de gravações musicais – edição sonora e oficinas de software específicas para essa finalidade;
- Ilhas de edição de vídeo e áudio – acesso aberto a todos os usuários que se inscreverem, às tecnologias de produção audiovisual, com aparato técnico para a produção e pós-produção;
- Salas de oficinas - oficinas de produção cinematográfica, nas quais os jovens têm acesso às tecnologias e aos conhecimentos necessários à produção de vídeos, incluindo aulas de roteiro, coleta e edição de imagens, direção de atores, fotografia, figurino, trilha sonoras etc. E, também, oficinas de arte que propiciam aos jovens a oportunidade de estimular a imaginação e a produção.

- Espaços expositivos – destinados a trabalhos de fotografia, pintura, videoarte e escultura, dos jovens inscritos e selecionados pela equipe de programação do CCJ;
- Biblioteca - A biblioteca possui, além do acervo composto por aproximadamente dez mil livros, os seguintes espaços e serviços: espaço de leitura, laboratórios de pesquisa e de idiomas, conexão livre à Internet, espaço de sarau, home theater com acervo audiovisual e auditório para palestras e workshops.

Em 2008, foram feitos 4.480 atendimentos, em média, por mês no espaço da biblioteca, somando todas as atividades oferecidas: saraus, oficinas, entre outras atividades.

2.4 O CJJ e as Redes sociais

Para analisar o relacionamento do CCJ com os movimentos e organizações sociais ou organizações da sociedade civil, utilizaremos a noção de “Terceiro Setor”, assim definida por NAVES (2003, p. 565): “compreendem o terceiro setor todas as entidades que não fazem parte da máquina estatal, não visam lucro e não se afirmam com discurso ideológico, mas sim sobre questões específicas da organização social”, o autor, também usa ao longo do texto uma definição sua em co-autoria com José Eduardo Marques Mauro, semelhante, porém, mais ampla, que reproduzimos abaixo:

Conjunto de atividades espontâneas, não governamentais e não lucrativas, de interesse público, realizadas em benefício geral da sociedade e que se desenvolvem independentemente dos demais setores (Estado e mercado), embora deles possa, ou deva, receber colaboração. (NAVES, 2003, p. 574).

O relacionamento do CCJ com os movimentos sociais começa nos debates realizados no seu processo de criação. Ao ser definido pelo prefeito José Serra e pela coordenadora da juventude Luciana Guimarães que aquele espaço seria dedicado ao público jovem, a primeira atitude foi identificar na

região as lideranças locais e os movimentos sociais, de jovens ou não. Houve a convocação de diversas reuniões com esses grupos e movimentos e uma das razões destas reuniões era dar satisfação à comunidade sobre o que seria feito naquele espaço.

Na administração anterior, da Prefeita Marta Suplicy, já havia sido realizada uma licitação para uso daquele espaço, num primeiro momento pensado como um “Centro de Cidadania e Convivência”. Mas, o processo ficou apenas na licitação e em projeto, não houve tempo na referida administração de viabilizá-lo.

Nessas reuniões, as lideranças comunitárias apontavam suas opiniões sobre os possíveis usos daquele espaço. Considerando-se a necessidade anteriormente identificada de um espaço cultural para os jovens, conforme informações recolhidas pelo CENPEC no estudo realizado sobre o Distrito da Brasilândia²⁸, a discussão se encaminhou no sentido de definir com esses grupos dos movimentos sociais que equipamento cultural seria criado e qual seria a cara do local a ser construído.

A partir da inauguração do CCJ, em 2006, a relação com os movimentos e grupos sociais começa a se diluir, a participação da comunidade ligada aos movimentos sociais nas reuniões vai se reduzindo, na medida em que aumenta a participação dos frequentadores do espaço. Começa a se fortalecer a relação do CCJ com grupos ligados à cultura, até mesmo porque o espaço foi definido como “cultural”. Isso, de alguma forma, afastou os grupos que pretendiam que aquele espaço fosse usado para outros fins.

A equipe do CCJ estabelece, então, um diálogo com os frequentadores e participantes das atividades, e através destes contatos vão-se estabelecendo as percepções das necessidades e dos gostos do público usuário.

Além do vínculo criado com o público frequentador, também se estabelece uma relação forte com as ONGs que atuam na área da cultura. Não se tratava, nesse momento das ONGs que participaram do processo de criação do CCJ, mas ONGs com propostas afins, tais como: CENPEC, Instituto Polis, Ação Educativa etc.

²⁸ “Projeto Brasilândia”, realizado pelo CENPEC e citado anteriormente.

A equipe do CCJ, anualmente, convida essas organizações para que façam uma ação fiscalizadora, na qual são apresentados os relatórios e outros documentos que demonstram o uso feito no espaço e, especialmente, das verbas públicas investidas.

Um aspecto indicado pelos gestores que nos concederam depoimento para esta dissertação e que também consta em alguns documentos, foi a percepção de que havia uma certa “incompatibilidade” entre o olhar que o CCJ tem do jovem e o olhar de algumas dessas organizações. Isso pode ser verificado na seguinte passagem do depoimento da gestora Fernanda Arantes:

Com algumas organizações da região, organizações, inclusive, que atuam na área da cultura, houve um processo que poderia ser chamado de “incompatibilidade”. A equipe do CCJ não tem o olhar de que se “esses jovens ficarem na rua vão trazer problemas”, e essas organizações atuam muito com esse foco. Porém, elas usufruem do espaço, muitas vezes trazem grupos para participar das atividades, por mais que eles acreditem que fazem isso para evitar que os “jovens entrem no mundo das drogas”, para nós eles devem vir porque isso é um “direito”, eles tem direito a esse espaço cultural.

Como no texto do depoimento citado acima, algumas dessas organizações, encaram o jovem como um sujeito que “causa” problemas e, em decorrência as atividades que lhes são oferecidas devem procurar afastá-los dessas coisas “inadequadas” com as quais eles teriam contato caso não ocupem esse seu tempo livre. O CCJ, por seu lado, não vê o jovem como sujeito “problema”, mas como sujeito de direitos, essas atividades devem ser oferecidas para sua fruição, para seu prazer e não para fins utilitários, quaisquer que sejam estes.

Um tema corrente na literatura que se dedica a estudar a “juventude” é a impossibilidade de se falar em juventude no singular. Este grupo etário tem de ser visto sempre no plural, como reforço ABRAMO (2008, p. 42): “precisamos falar de *juventudes*, no plural, e não de *juventude*, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição”.

Outra questão que se faz presente é que com o tempo, e apesar, do espaço ter sido estruturado como espaço cultural, ainda são feitas cobranças por parte de algumas organizações, que não conseguiram impor sua demanda de que aquele espaço fosse profissionalizante. Elas ainda cobram do CCJ a

oferta de formação para os jovens e não conseguem compreender o foco definido para a atuação do CCJ.

Outra forma de interlocução com a comunidade é por meio de monitores. Metade do número de monitores contratados pelo CCJ tem que ser de moradores da região. De certa forma, através deles se estabelece um diálogo com os jovens moradores da região. Esses monitores atuam em diversas atividades dentro do Centro Cultural, em oficinas, no atendimento ao público etc. Atuando como mediadores culturais, no sentido do conceito de TEIXEIRA COELHO:

Processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual – com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca de formação de público para a cultura – ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural.

No momento em que se definia que tipo de equipamento seria estabelecido naquele espaço, os movimentos sociais da região participaram ativamente dos processos de consulta. Porém, depois de decidido o caráter do equipamento, ocorreu um afastamento dos mesmos movimentos sociais que antes contribuíram na decisão.

Quanto a participação de grupos do movimento hip hop, que tem uma atuação muito forte na região e que costumam ter um discurso mais reivindicativo e buscam espaço para colocar sua produção, nos foi falado que algumas conversas com esses grupos, acabaram não sendo muito produtivas, pois os próprios grupos não tinham um consenso sobre as propostas a serem apresentadas. Como podemos observar na passagem do depoimento da gestora Fernanda Arantes:

No primeiro ano do CCJ alguns grupos de hip hop se reuniam aqui, mas, depois esses grupos pararam de se reunir aqui, pois, eles começaram a brigar entre eles, havia uma dificuldade de unir as propostas deles mesmos (...) hoje alguns deles participam no estúdio, gravam CDs e também realizamos algumas atividades em parceria. Como é o caso de projetos apresentados por eles e aprovados pelo VAI, nesse caso eles buscam o espaço do CCJ para se apresentarem.

Os grupos de hip hop freqüentam o CCJ particularmente para atividades no estúdio de som (através do uso dos equipamentos de gravação de CD,), nas oficinas de dança de rua e nas atividades do projeto “Alameda”.

O Projeto Alameda dedica uma parede do CCJ para que artistas de rua possam se expressar artisticamente pelo grafite. Após um período de três meses, outro artista é chamado e o trabalho é substituído.

FIGURA 4 – Grafite produzido dentro do Projeto Alameda



Fonte – Flickr do CCJ disponível em

<http://www.flickr.com/photos/ccjuventude/3468839745/in/set-72157605085931916/>

2.5 Biblioteca

O espaço da biblioteca²⁹ é bastante amplo, possui mesas para consulta e leitura de livros e outros materiais, e uma varanda também com mesas que torna a consulta e a pesquisa bastante agradável.



O acervo é composto de:

- 9135 Livros de referência, pesquisa, literatura. Aproximadamente 2000 livros já foram catalogados no Sistema Alexandria;
- Histórias em quadrinhos;
- Periódicos, os títulos disponíveis estão listados no quadro abaixo.

QUADRO 2 – Periódicos disponíveis na biblioteca

Revistas	Jornais
Isto É	Folha de S. Paulo
Carta Capital	Estado de S. Paulo
Veja/ Veja São Paulo	Diário de São Paulo
Época	Primeira Mão
Informações sobre empregos	Jornal dos concursos
Galileu	Jornal da Tarde
Turma da Mônica	

²⁹ As informações sobre a biblioteca foram obtidas em várias fontes: documentos e relatórios produzidos pelo CCJ, documentos produzidos pela biblioteca e entrevista e conversas informais com a bibliotecária responsável.

Além de um acervo multimídia:

DVDs

educativos, documentários, ficção

CD ROMs

educativos, e de cursos de línguas: inglês, espanhol, alemão, entre outros

Até o momento o empréstimo de livros ainda não está disponível, nem todos os livros estão catalogados no Sistema Alexandria e assim poder ser disponibilizado para o empréstimo automatizado, a gestora da biblioteca optou por não fazer empréstimo manual, já que brevemente (até o fim de outubro de 2009) todos os livros estarão catalogados e disponíveis.

A biblioteca oferece além da consulta a livros e periódicos, os seguintes serviços e atividades culturais:

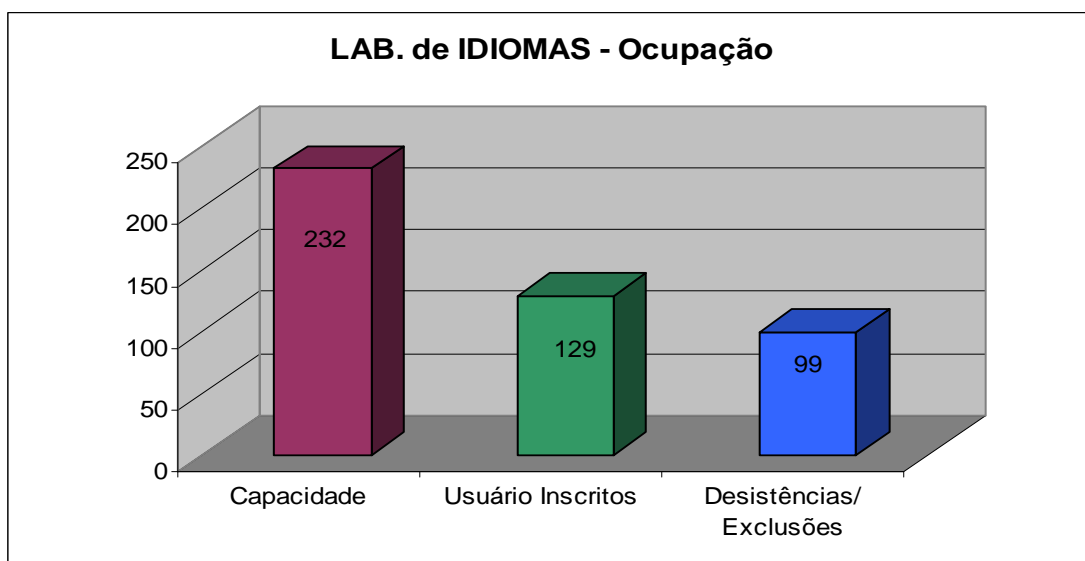
- **Laboratório de pesquisa e de idiomas** – são colocados à disposição dos interessados livros, dicionários e meios (fitas-cassete, CDs, vídeos, Internet, CD-ROM, entre outros) de auto-aprendizagem. Procura-se com isto desenvolver no público o interesse por outras línguas e culturas.

O laboratório possui 8 computadores disponíveis para o aprendizado autodidático das línguas: alemão, árabe, chinês, espanhol, francês, hebraico, inglês, italiano, japonês e russo e tem capacidade para atender 208 pessoas por mês. Há uma proposta, ainda não realizada, de estabelecer parcerias com faculdades de letras para conseguir estagiários para realizar plantão de dúvidas.

O inglês é a língua mais procurada, seguido do espanhol e francês.

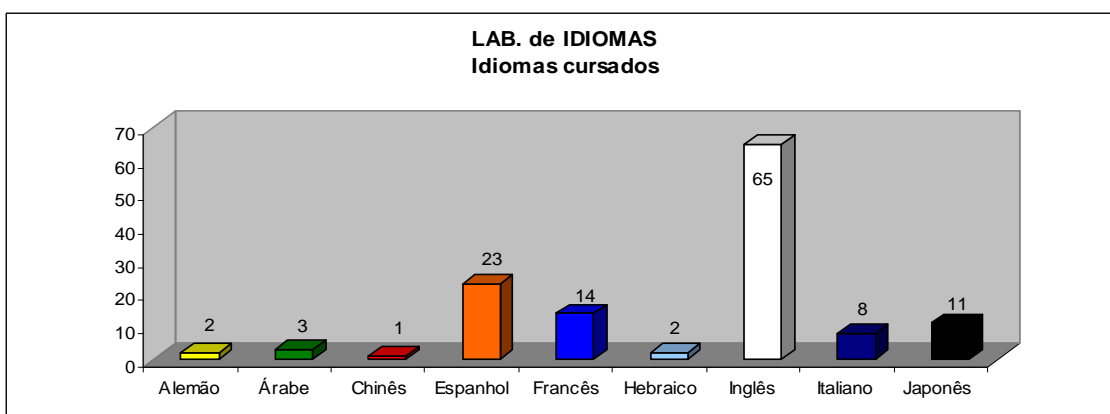
Abaixo reproduzidos dois gráficos de uso desse serviço, divididos por taxa de ocupação x disponibilidade e por idiomas estudados:

GRÁFICO 1 – Utilização do laboratório de idiomas do CCJ



Fonte: Relatório gerencial produzida por Dolores Biruel, Gestora da Biblioteca do CCJ, referente ao mês de julho de 2009

GRÁFICO 2 – Idiomas cursados no laboratório de idiomas



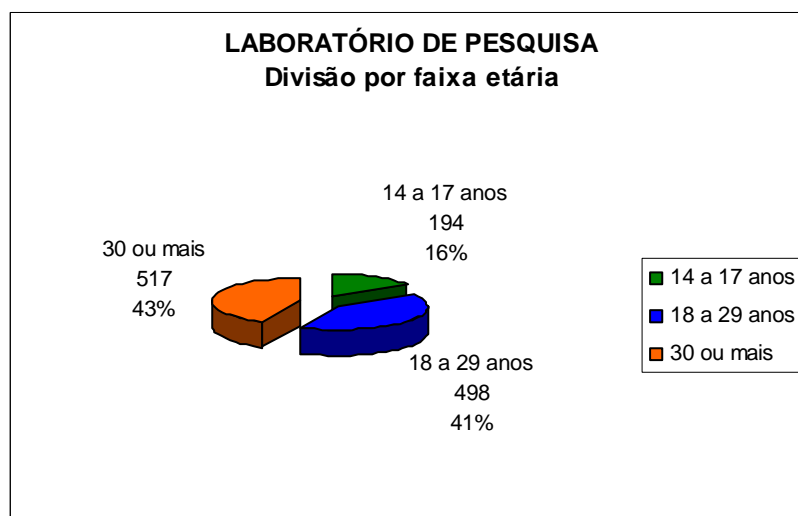
Fonte: Relatório gerencial produzida por Dolores Biruel, Gestora da Biblioteca do CCJ, referente ao mês de julho de 2009

- **Conexão livre à internet** - É um serviço oferecido dentro da biblioteca e que serve para complementar a pesquisa feita pelo usuário no acervo. Também possibilita a pesquisa e digitação de trabalhos escolares e currículos.

O laboratório de pesquisa na internet tem a intenção de ampliar a formação, o conhecimento, as oportunidades e as habilidades para auxiliar os frequentadores na sua inserção social. Muitos dos jovens que utilizam o laboratório, não possuem equipamentos de informática e acesso à internet em suas residências, sendo assim o uso desse espaço contribui para a democratização do acesso às novas tecnologias.

A equipe da biblioteca faz uma mediação entre os usuários e as fontes de pesquisa disponíveis na internet, orientando seu uso para páginas de mais qualidade e confiabilidade.

GRÁFICO 3 – Divisão por faixa etária no laboratório de pesquisa



Fonte: Relatório gerencial produzida por Dolores Biruel, Gestora da Biblioteca do CCJ, referente ao mês de julho de 2009

- **Projeto sarau** - Acontece a cada dois meses. Procura-se contratar grupos ou artistas consagrados para a função de mestre de cerimônias do sarau.

Os saraus têm excelente aceitação do público, tanto das pessoas que se interessam em participar, e em se expressar, como também das que

gostam apenas de prestigiar as apresentações.

- **Home theater com acervo audiovisual** – espaço com equipamento adequado para reprodução de materiais audiovisuais. Possui algumas poltronas para que o público possa assistir e também possui um acervo de DVDs que pode ser utilizado pelo usuário.
- **Auditório para palestras e workshops** – espaço para eventos promovidos pela biblioteca, agradável, com cadeiras confortáveis, mas que possui a desvantagem de ser aberto, o que muitas vezes causa incomodo para os usuários que estão utilizando a área de leitura.
- **Projeto: CCJ Visita**

Trata-se de um projeto de lazer cultural voltado aos freqüentadores do CCJ. Consiste em promover mensalmente visitas monitoradas aos equipamentos culturais da cidade de São Paulo, como: museus, centros culturais, galerias, pinacoteca, planetários e casas de cultura.

Ao apresentar as diversas oportunidades culturais que a cidade oferece, busca despertar o interesse pelo lazer cultural e ampliar o olhar dos jovens sobre a arte e cultura. Entre seus principais objetivos definidos pela gestão do projeto, estão:

- Promover atividades culturais e estimular a produção artística;
- Ampliar a formação, o conhecimento, as oportunidades e as habilidades que auxiliem na inserção social dos jovens;
- Criar alternativas de lazer e convívio.

No mês de julho de 2009, o CCJ Visita foi à Estação Pinacoteca³⁰. Foram oferecidas 43 vagas e contou com 37 participantes.

Este projeto é extremamente importante no desenvolvimento cultural dos jovens participantes, ao conhecer os espaços culturais que ainda não tinham tido oportunidade de visitar rompe-se algumas barreiras, muitos não se deslocam até esses locais, ora por não os conhecer, ora por se sentirem inseguros em entrar em espaços que não tem a vivência anterior de freqüentar. Ao participar desse projeto, os jovens não só adquirem o conhecimento do equipamento ou espaço visitado, mas se apropriam dos espaços da cidade, permitindo a eles uma apropriação maior dos bens culturais.

- **A Hora e a Vez do Vestibular**

Outro projeto importante desenvolvido pela biblioteca do CCJ, e que atualmente se expandiu por toda a rede de bibliotecas, é o Projeto “**A Hora e a Vez do Vestibular**”. Composto de ciclos de palestras sobre as obras literárias selecionadas pelos vestibulares da USP, Unicamp e Unesp, conta com as seguintes atividades: rodas de leitura, oficinas de redação, duas leituras (cinema e literatura) e o acesso ao programa vestibulando digital. Além de oferecer um reforço aos vestibulandos, ao possibilitar o entendimento das obras literárias selecionados para os exames vestibulares das principais universidades paulistas, serve também de estímulo à leitura e ao entendimento das obras.

Abaixo reproduzimos uma tabela com as palestras e número de participantes do projeto A Hora e Vez do Vestibular, realizadas no ano de 2008:

³⁰ Situada no centro da cidade de São Paulo próxima a estação da Luz, num edifício de grande importância histórica e arquitetônica está a Estação Pinacoteca, com diversos espaços expositivos dentre eles o Memorial da Resistência.

TABELA 5 – Palestras realizadas em 2008 do projeto A Hora e a Vez do Vestibular

Mês	Atividade	Partic.	
março	Rodas de Leitura	Leitura de poesias escolhidas	11
março	Rodas de Leitura	Era uma vez um gênero :	11
março	Rodas de Leitura	Como se faz um clássico	14
março	Rodas de Leitura	Ler e reler	14
12/abr	9 1/2 semanas de Literatura	Iracema	42
26/abr	9 1/2 semanas de Literatura	Dom Casmurro	62
10/mai	9 1/2 semanas de Literatura	“A cidades e as serras”	16
17/mai	9 1/2 semanas de Literatura	“Memórias de um sargento de milícias”	23
31/mai	9 1/2 semanas de Literatura	“Poemas completos de Alberto Caieiro”	48
7/jun	9 1/2 semanas de Literatura	Manuel Bandeira: vida e obra	19
14/jun	9 1/2 semanas de Literatura	“A rosa do povo” de Carlos Drummond de Andrade	30
21/jun	9 1/2 semanas de Literatura	“Sagarana” de Guimarães Rosa	40
28/jun	9 1/2 semanas de Literatura	“O auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente	18
7/jun	Laboratório de Pesquisa	Cultura Digital	11
14/jun	Laboratório de Pesquisa	(i)Materialidade matemática	14
2/ago	Rodas de Leitura	Leitura de poesias escolhidas de Fernando Pessoa e de A Rosa do Povo de Carlos Drummond	10
9/ago	Rodas de Leitura	O nascimento do texto dramático e leitura do Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente.	14
16/ago	Rodas de Leitura	Noções de clássico e moderno e leitura de trechos de Dom Casmurro, de Machado de Assis.	16
23/ago	Rodas de Leitura	Leitura de trechos de Sagarana de Guimarães Rosa e debate sobre a importância da prosódia para a interpretação de um texto.	14
31/ago	9 1/2 semanas de Literatura	O auto da Barca do Inferno	13

6/set	9 1/2 semanas de Literatura	Iracema	17
13/set	9 1/2 semanas de Literatura	Dom Casmurro	26
20/set	9 1/2 semanas de Literatura	A cidades e as serras	18
27/set	9 1/2 semanas de Literatura	Memórias de um sargento de milícias	24
4/out	9 1/2 semanas de Literatura	Poemas completos de Alberto Caieiro	12
11/out	9 1/2 semanas de Literatura	Vidas Secas	07
18/out	9 1/2 semanas de Literatura	A rosa do povo	09
25/out	9 1/2 semanas de Literatura	Sagarana	15

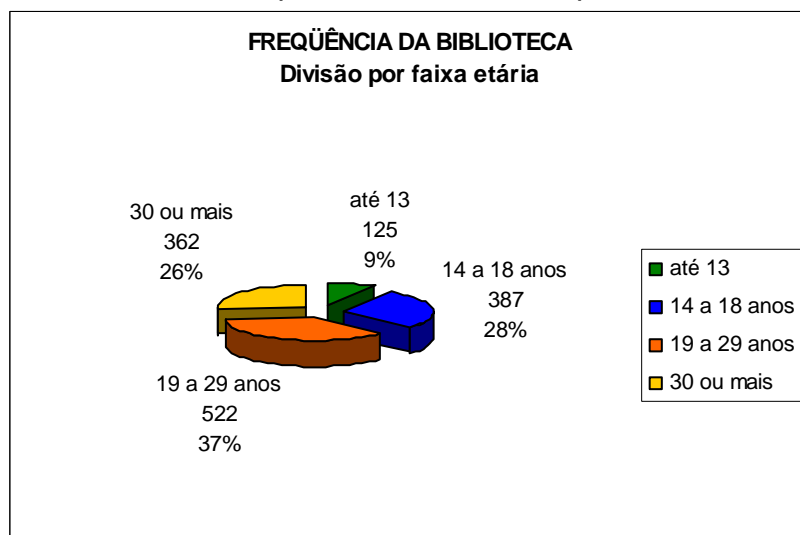
Fonte: Relatório gerencial produzido por Dolores Biruel, Gestora da Biblioteca do CCJ, referente ao ano de 2008.

A “Hora e vez do vestibular” é um projeto que foi criado pela equipe da biblioteca do CCJ e ampliou-se pela rede de biblioteca públicas do Sistema Municipal de Bibliotecas. Tem obtido uma boa aceitação do público e fomenta as atividades de mediação da biblioteca. A biblioteca amplia sua atuação indo além do empréstimo e consulta de livros para fins de vestibular.

2.6 Análise das atividades da biblioteca

Abaixo apresentamos dois gráficos de frequência à biblioteca, que foram preparados pela gestora do espaço e ilustram a frequência do público por faixa etária e uso de materiais.

GRÁFICO 4 - Frequência na biblioteca por faixa etária



Fonte: Relatório elaborado pela gestora da biblioteca – Dolores Biruel – Novembro de 2008

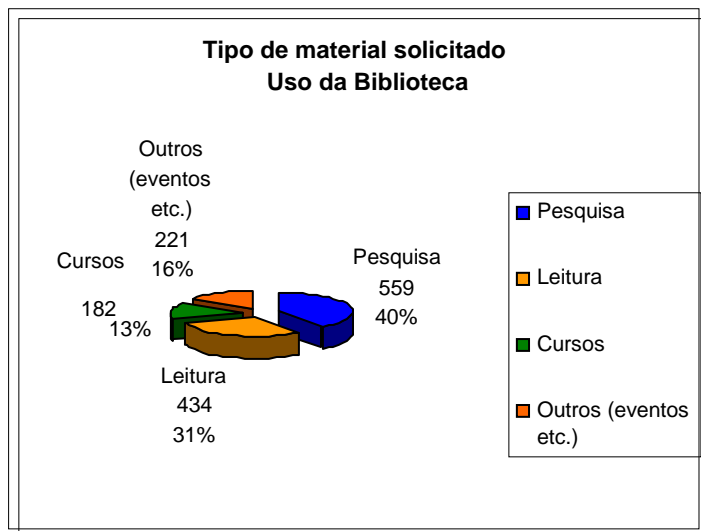
Podemos observar no gráfico 4 que as faixas etárias abaixo e acima do estabelecido como público-alvo do CCJ (18 a 29 anos) fazem um uso significativo do espaço da biblioteca. Notamos o uso de 27% em faixas etárias abaixo do público alvo: 9% até 13 anos e 28% entre 14 e 18 anos e a utilização por 26% do público na faixa acima de 30 anos. O que nos indica uma expressiva demanda de uso da biblioteca pelo público em geral.

Esses dados de uso por faixas etárias reforçam, entre outras possibilidades, a questão da ausência de equipamentos culturais na região, mas também a existência de um espaço agradável e com bom atendimento, o que também, que podem ter contribuído para que outros grupos etários usufruam das atividades oferecidas.

O gráfico 5, indica que 31% dos usuários da biblioteca fazem uso dela para leitura e 40% a utilizam para pesquisa. Somando as duas taxas de uso, pesquisa e leitura perfazem um total de 71% de usuários que utilizam o espaço para fins acadêmicos, escolares ou de pesquisa.

Os cursos, idiomas entre outros, representam 13% da frequência e o restante das atividades, saraus, palestras e outros eventos, representam 16%.

GRÁFICO 5 – Tipo de material solicitado na biblioteca



Fonte: Relatório elaborado pela gestora da biblioteca – Dolores Biruel – Novembro de 2008

A biblioteca do CCJ tem uma importância fundamental na estrutura do Centro, pois é ela que organiza uma série de atividades que atraem o público para o espaço de forma geral. Os saraus, as palestras sobre vestibular e outras atividades, são apontadas por vários usuários, como motivo de frequentar o CCJ. Como veremos posteriormente, na análise das entrevistas realizadas. Muitas vezes essas atividades atraem um público para a biblioteca que acaba se apropriando dela para as atividades de leitura e pesquisa. E como nos afirma PETIT (2008, p. 61): a “leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais e, sendo assim, pode modificar as linhas do nosso destino escolar, profissional e social” e ao ampliarmos nosso universo cultural podemos realizar mudanças em nossa vida pessoal, social e econômica.

Ao longo desse capítulo, pretendemos trazer as informações relativas à construção do CCJ, suas articulações, sua forma de se estabelecer. Concluimos este capítulo observando que o espaço do CCJ se configura de forma geral como diferente do restante dos equipamentos públicos da cidade.

Capítulo 3

Para que possamos conhecer os jovens que frequentam o CCJ, suas necessidades, desejos culturais, sua atuação e uso do espaço. Analisaremos a seguir o conceito de “juventude” e a pesquisa realizada pelo Instituto Perseu Abramo sobre os jovens e a cultura.

3.1 Uma nova conceituação de Juventude

A 1ª Conferência Nacional de Juventude, realizada em Brasília em abril de 2008, estabeleceu algumas Resoluções e Prioridades. Dentro do tema “Cultura”. Foram definidas três prioridades, na primeira delas, que reproduzimos abaixo, as linhas de criação do CCJ se encaixam de forma primordial:

Criação, em todos os municípios, de espaços culturais públicos, descentralizados, com gestão compartilhada e financiamento direto do estado, que atendam às especificidades dos jovens e que tenham programação permanente e de qualidade. Os espaços sejam eles construções novas, desapropriações de imóveis desocupados ou organizações da sociedade civil já estabelecidas, devem ter condições de abrigar as mais diversas manifestações artísticas e culturais, possibilitando o aprendizado, a fruição e a apresentação da produção cultural da juventude.

As outras duas prioridades relativas à cultura estabelecidas pela Conferência citada acima, são:

Estabelecimento de políticas públicas culturais permanentes direcionadas à juventude, tendo ética, estética e economia como pilares, em gestão compartilhada com a sociedade civil, a exemplo dos pontos de cultura, que possibilitem o acesso a recursos de maneira desburocratizada, levando em consideração a diversidade cultural de cada região e o diálogo intergeracional. Criação de um mecanismo específico de apoio e incentivo financeiro aos jovens (bolsas) para formação e capacitação como artistas, animadores e agentes culturais multiplicadores.

Estabelecimento de cotas de exibição e programação de 50% para a produção cultural brasileira, sendo 15% produção independente e 20% produção regional em todos os meios de comunicação (TV aberta e paga, rádios e cinemas). Valorização dos artistas locais garantindo a preferência nas apresentações e prioridade no pagamento. Entender os cineclubes como espaços privilegiados de democratização do áudio visual.

Quando da criação do CCJ foi estabelecida uma “Carta de Princípios”, da qual julgamos relevante destacar os seguintes pontos:

1) no item 1º é definido o conceito negativo de jovem que procura se afastar ao máximo da visão do senso comum que apenas vê o jovem como “problema” e pensa as políticas voltadas a esse público como de contenção e repressão. Segue abaixo a íntegra do artigo, com alguns grifos para destacar a idéia central:

O conceito de **jovem** adotado pelo “Centro de Cidadania da Juventude” é de que ele ou ela **são sujeitos de direito**, que se encontram em um momento específico da vida, na faixa etária entre 15 e 29 anos, especialmente entre 18 e 29 anos, e que **demandam políticas, ações e projetos específicos**, considera ainda a diversidade da participação e da organização da juventude³¹.

Em algumas entrevistas feitas com a equipe do CCJ³², assim como, em conversas informais, foi destacado que um dos pontos de atrito com algumas organizações que trabalham com jovens na região, se deu exatamente no que se refere à visão sobre este, pois a maioria das organizações pensa e age como se estes fossem fontes de problemas e, portanto, passíveis de políticas para que se “evite” seu contato com drogas, crime etc, e não como sujeitos, com demandas específicas em diversas áreas, especialmente na área da cultura.

As atividades e a programação do CCJ são pensadas de forma que o jovem possa usufruir de um espaço em que ele se perceba como “jovem”, que respeite suas características socioeconômicas e culturais e que também lhe sejam oferecidas atividades que possam ampliar seu universo de formação.

Há também, um grande espaço de convivência, com ofertas diversificadas. Não se pressupõe ser necessário que esses jovens que

³¹ Carta de princípios da criação do CCJ. Disponível em: <http://ccjuve.prefeitura.sp.gov.br/> (último acesso em 17/09/2009)

³² Entrevistas realizadas com: Dolores Biruel, gestora da biblioteca, entrevistas realizadas em diversas datas entre março e setembro de 2009; Hugo Paixão, administrador, entrevista realizada em 07 de março de 2009; Tiago Saraiva, gestor de programação, entrevista realizada em 14 de abril de 2009; Fernanda Arantes, gestora de redes sociais, entrevista realizada em 22 de abril de 2009; Leandro Benetti, diretor, entrevista realizada via e-mail em 08 de setembro de 2009.

frequentam o CCJ participem de atividades específicas, como por exemplo, leitura ou oficinas, mas o espaço está aberto para que eles também possam formar grupos e utilizar o local para convivência. A idéia é facilitar este convívio dentro de um espaço permeado de informações culturais. Esta utilização do espaço pode gerar nos jovens uma motivação maior para utilizar o CCJ. Nesse sentido podemos observar algumas respostas dadas nas entrevistas realizadas com os jovens frequentadores do espaço, que apontam aspectos positivos do CCJ:

“Fazer amizades, conhecer coisas legais” (Beatriz, 16anos)

“Convivência, localização em região pobre e carente” (Douglas, 20anos)

“Exposições, espaço aberto para os jovens, biblioteca a vontade” (Bruna, 20anos)

“Convivência, aprendizagem, aumento do conhecimento” (Karen, 17anos)

3.2 Retratos da Juventude: uma visão dos jovens brasileiros e suas necessidades e desejos

A Fundação Perseu Abramo lançou no ano de 2008 o livro “Retratos da Juventude Brasileira³³”, que analisa dados da pesquisa que realizou em parceria com o Instituto da Cidadania. Há na publicação um capítulo específico sobre os dados relativos à cultura e lazer entre os jovens, mostra como os jovens usam e como gostariam de usar seu tempo livre.

Esses dados confirmam nossa hipótese de que os jovens desejam participar da vida cultural da cidade, porém, na maioria das vezes isso não é possível, devido à ausência dos equipamentos culturais ou à dificuldade de acesso físico, econômico e intelectual às ofertas culturais. Analisaremos o artigo com os dados da pesquisa buscando informações que nos ajudem a compreender a juventude e pensar o espaço do CCJ.

O capítulo parte da definição de “direito cultural” que é entendido pelos autores como:

Os espaços de cultura e lazer, com todas as suas potencialidades, se colocam na perspectiva do direito. Falar em direito cultural implica criar condições de produção cultural, esta compreendida como acesso a produtos, informações, meios de produção, difusão e valorização da memória cultural coletiva. (BRENNER, 2008, p. 177).

A definição acima, vai ao encontro dos conceitos previstos na “Carta de Princípios do CCJ”: “O conceito de jovem adotado pelo Centro da Cidadania da Juventude é de que ele e ela são sujeitos de direitos”. Esse enfoque permeia essa dissertação, pois não é uma concessão que se faz aos jovens a criação de espaços culturais específicos para esse público, mas trata-se apenas de um atendimento dos direitos que estes têm e por vezes não são atendidos a contento, sendo que muitas vezes os próprios jovens não tem consciência de seus direitos.

A questão da distribuição dos equipamentos culturais é ressaltada na pesquisa “Retratos da Juventude Brasileira”, que utiliza como suporte estatístico as informações disponibilizadas pela “MUNIC – Informações básicas

³³ Artigo de autoria de Ana Karina Brenner; Juarez Dayrell e Paulo Carrano, citado na bibliografia.

municipais”, realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Dessa forma, BRENNER (2008, p. 179) destaca que:

Nas médias e grandes cidades brasileiras, as periferias, os bairros populares, os morros e as favelas são verdadeiros desertos de equipamentos culturais; ainda que a média de equipamentos seja elevada, estes se encontram concentrados em centros culturais de difícil acesso físico e simbólico aos setores populares

A informação está em conformidade com o que BOTELHO (2004, p. 3), aponta em relação à distribuição dos equipamentos culturais, conforme trecho a seguir:

O poder público se mostra incapaz na resposta às demandas potenciais por esse tipo de equipamento (cultural) em certas zonas da cidade. Salta aos olhos o fato de que a maior concentração de crianças e jovens entre 10 e 19 anos forma quase um cinturão em torno do município, em regiões desprovidas de equipamentos culturais, o que é um grave problema que ultrapassa o plano da cultura.... pode-se dizer que a mobilidade territorial e o uso dos equipamentos culturais se converte, cada vez mais, em direito e privilégio das classes com maior poder aquisitivo

Essa avaliação aplica-se perfeitamente ao contexto da região onde o CCJ está localizado. A região está composta por um contingente populacional expressivamente composto por jovens e crianças que contam com poucas ofertas culturais públicas.

Conforme dados disponibilizados pela Secretaria de Planejamento da Prefeitura de São Paulo, a população de jovens nos distritos de Brasilândia, Freguesia do Ó e Cachoeirinha apresenta a seguinte distribuição:

TABELA 6 – População jovem da Freguesia do Ó, Brasilândia e Cachoeirinha

Distritos	18 e 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	Total de jovens	Porcentagem de jovens em relação ao total da população	Total da população
Brasilândia	10.432	25.140	23.306	58.878	23,80%	247.328
Freguesia do Ó	5.550	13.557	12.179	31.286	21,60%	144.923
Cachoeirinha	6.242	14.597	13.413	32.252	21,85%	147.649

Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura de São Paulo. Dados relativos ao Censo demográfico de 2000.

Ressalta-se que a carência de equipamentos culturais, nesses distritos não se refere apenas aqueles voltados ao público jovem, mas também às demais faixas etárias.

SPOSATI, ao refletir sobre o conceito proposto por Amartya Sen de que “a precariedade do local torna o cidadão mais pobre ou a vida mais custosa, independente de seu ganho (2001, p. 137)”. A criação de espaços culturais, mas não só culturais que dêem uma identidade positiva para a população pode trazer mudanças significativas para a sua vida. A instalação de equipamentos culturais e outros equipamentos, em uma determinada região geram uma melhora do espaço urbano naquela região. No caso do CCJ, o prédio anteriormente abandonado e não concluído, servia para o tráfico de drogas e outras atividades ilícitas, conforme relatos de entrevistados, moradores da região, a população evitava passar naquele local.

Na região da Brasilândia e Cachoeirinha, antes da criação do CCJ não havia nenhum equipamento cultural público ou privado. Com relação ao acesso às bibliotecas públicas, as mais próximas estão a quilômetros de distância. As bibliotecas da região são:

- Biblioteca Pedro da Silva Nava localizada na Avenida Eng. Caetano Álvares no número 5903. No bairro do Mandaqui;
- Biblioteca Afonso Schmidt - Av. Elísio Teixeira Leite, 1470 – Freguesia do Ó;
- Biblioteca Thales Castanho de Andrade - Rua Dr. Artur Fajardo, 447 – Freguesia do Ó;
- Biblioteca Narbal Fontes - Rua Conselheiro Moreira de Barros, 170 – Santana;
- Biblioteca Nuto Sant’ana - Praça Tenório Aguiar, 32 – Santana.

De acordo com os conceitos de Brenner e de Botelho (2008), esta região poderia ser declarada como um “deserto” de equipamentos culturais, especialmente públicos.

Dados levantados pela pesquisa “Retratos da Juventude Brasileira” (2008), indicam que apenas 6% dos jovens das cidades de grande porte realizam atividades culturais para ocupar o tempo livre nos fins de semana, “apenas 4% dos jovens ocupam seu tempo livre com alguma atividade cultural, aparecendo a leitura e o cinema com apenas 1%”, conforme demonstra a tabela abaixo (BRENNER, 2008, p. 188):

TABELA 7 – Ocupação do tempo livre no fim de semana, segundo gênero e faixa etária (em %)

	Total	Homens				Mulheres			
		Total	15-17 Anos	18-20 Anos	21-24 Anos	Total	15-17 Anos	18-20 Anos	21-24 Anos
Atividades Culturais	4	3	3	5	2	4	4	1	6
Cinema	1	1	1	1	1	1	2	1	1
Leitura	1	1	-	4	1	1	1	-	3

Fonte: Retratos da Juventude Brasileira – Instituto da Cidadania

BRENNER destaca a importância das práticas de lazer para as pessoas, em especial para os jovens, lembrando que, através destas práticas, “os jovens consolidam os relacionamentos, consomem e (re)significam produtos culturais, geram fruição, sentidos estéticos e processos de identificação cultural” (BRENNER, 2008, p. 177).

Os processos de significação e resignificação dos produtos culturais e a busca da identidade cultural dos jovens estão presentes nos depoimentos concedidos pelos gestores do CCJ, assim como em documentos de criação. A estratégia de não se limitar a abrir espaços para fruição de obras que já são de domínio dos jovens atendidos, mas também apresentar espetáculos e obras com a finalidade de aumentar o conhecimento e as possibilidades estéticas destes jovens, contribui para ampliar o universo artístico e cultural desses jovens e isso ocorre em um espaço cultural criado para eles e com a participação deles, e com o qual se espera que se identifiquem.

3.3 As percepções dos usuários sobre o CCJ

Para analisar as percepções dos usuários sobre o CCJ, bem como a imagem que têm do Centro, e, com isso, compreender como os jovens (público alvo) se apropriam do espaço e em que medida o CCJ atende a suas expectativas, foram realizadas entrevistas com esses jovens. Como instrumento de coleta de dados utilizaram-se questionários semi-estruturados, com perguntas fechadas e abertas. Optou-se por esta metodologia, pois a pesquisa tinha caráter exploratório. Foram aplicados 100 questionários com o público presente do CCJ, no período de 02 a 06 de junho de 2009 e nos dias 20, 22 e 23 de agosto de 2009. As entrevistas foram realizadas ao longo do dia, no horário de funcionamento do CCJ, entre 10 horas da manhã e 8 horas da noite.

Parte da pesquisa foi feita com o público que estava dentro da biblioteca e parte com o público que se encontrava nas áreas comuns do CCJ: saguão, entrada, recepção etc. As entrevistas foram aplicadas em dois dias de semana (uma terça-feira e uma quinta-feira), dois sábados e um domingo, pois, tínhamos a preocupação de registrar eventuais variações de público.

O primeiro bloco do questionário (Anexo I) objetivava identificar o perfil do público que frequenta o CCJ. Foram feitas perguntas relativas à idade, sexo, se morador ou não das proximidades, qual bairro morava, se era estudante ou não, se trabalhava e, se sim, em qual atividade.

No segundo bloco, pretendemos levantar como os frequentadores conheceram o CCJ, qual a sua frequência no espaço e quais as atividades de que costumavam participar.

O terceiro bloco se constituiu de questões relativas à biblioteca: se era frequentador deste espaço, quais atividades costumava desenvolver ou participar e uma avaliação dos serviços de modo geral.

Outro bloco de questões referia-se ao CCJ e pretendia obter sua opinião geral sobre o equipamento, pontos positivos e negativos e saber do interesse na participação da formatação da programação do Centro.

No último bloco, pretendemos avaliar a participação cultural dos entrevistados, não só no espaço do CCJ, mas também em outros espaços, e

especialmente verificar se perceberam maior interesse pelo consumo e pelas práticas culturais, depois que começaram a frequentar o CCJ. Em outras palavras, se a frequência ao CCJ os estimulou a visitar e frequentar outros espaços culturais da cidade.

Não tivemos nenhum tipo de dificuldade para abordar os usuários e esses se mostraram muito receptivos. Os entrevistados não se recusavam a responder quando abordados.

Algumas entrevistas transcorreram de forma bastante objetiva: o entrevistado respondia exatamente a questão perguntada, mas não tinha grandes sugestões ou comentários. Outros entrevistados, mais envolvidos com as atividades do CCJ não só respondiam com qualidade a todas as questões como fizeram diversos tipos de sugestões sobre as atividades do CCJ. Para ilustrar, um entrevistado sugeriu que o CCJ deveria trabalhar com uma proposta de sustentabilidade ambiental e se preocupar em dar cursos na área ambiental, justificando que a população da periferia não tem preocupação com esse assunto a não ser “para recolher latinhas e vender”.

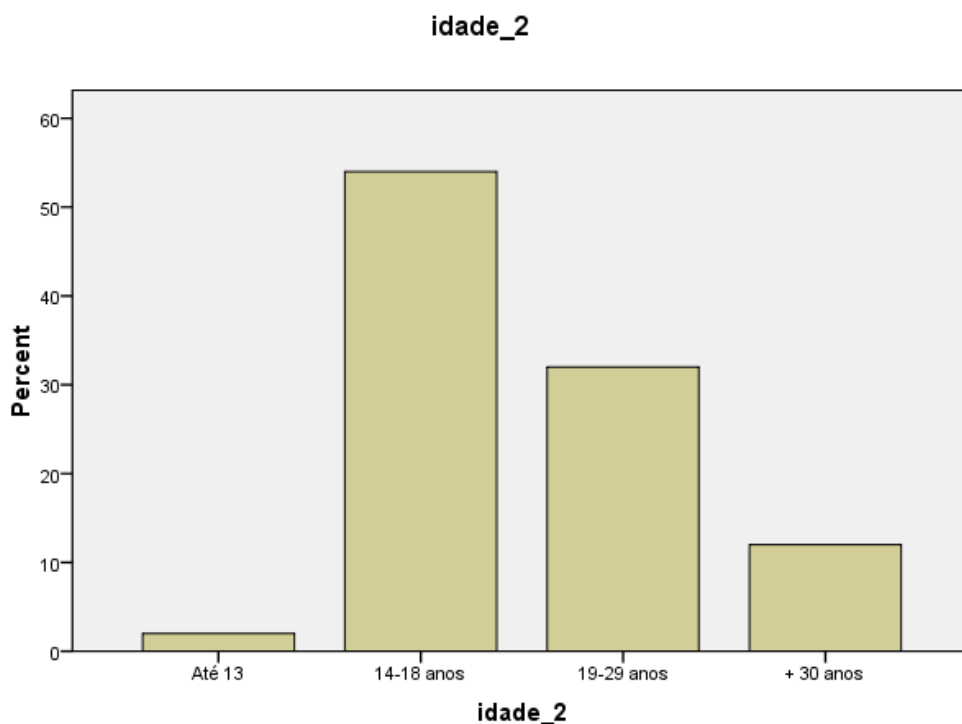
3.3.1 Dados gerais dos entrevistados

3.3.1.1 Sexo e faixa etária

A distribuição por sexo ficou dividida em 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino. Apesar das amostras terem ficado equânimes em relação a sexo, essa relação não foi proposital na coleta das entrevistas.

Quanto às faixas etárias, optamos por distribuí-las da mesma forma que a usada na avaliação de frequência da biblioteca, conforme se pode verificar no gráfico que se segue:

GRÁFICO 6 – Frequência por faixa etária



Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

Podemos verificar que a maioria dos usuários entrevistados situa-se na faixa de 14 a 18 anos (53%) e na faixa de 19 a 29 anos (33%). Desta forma, somando essas duas faixas, temos o percentual de 86% do público total. Por outro lado, verificou-se a presença de públicos que não seriam alvo do CCJ: 2% na faixa etária até 13 anos e 12% acima dos 30 anos.

Nas faixas etárias acima de 19 anos percebe-se uma incidência menor de frequentadores em relação à faixa dos 14 aos 18 anos, atribuindo a isto o fato de que, a partir dessa idade, os jovens provavelmente assumam outras obrigações que dificultaria a participação nas atividades de lazer e cultura. Também temos que considerar que nessa faixa etária a maioria já não se encontra inserido no sistema educacional.

3.3.1.2 Morador de qual bairro/região

Dentre os entrevistados, 90% se declararam moradores das proximidades do CCJ ou da zona norte. Apenas 10 % dos entrevistados dos não eram moradores da região norte e também dos bairros adjacentes ao CCJ. Eles declararam morar nos seguintes bairros: Campo Limpo (zona sul), Ermelino Matarazzo (zona leste), Divisa de Diadema (zona sul), Ipiranga (zona sul), Taboão da Serra (município vizinho à cidade de São Paulo), Centro e em São Miguel Paulista (zona leste).

Visando compreender a razão de morarem tão distante e frequentarem o CCJ, foi feita a estes entrevistados uma pergunta aberta e surgiram as seguintes:

- *Karla, moradora do Campo Limpo, morava anteriormente na região da Cachoeirinha, e sua família continua residindo na região; frequentava o CCJ quando ainda morava na região e mantém a frequência, pois participa de atividades de dança, grupos de dança.*
- *Márcia, moradora de Ermelino Matarazzo, estudante de um curso técnico em administração, estava fazendo trabalho com colegas de classe, que são moradores da região.*
- *Rafael, morador do centro da cidade, participa de diversas oficinas, e de um grupo de percussão que realiza algumas atividades no CCJ.*
- *Erica, moradora da Divisa de Diadema, costuma frequentar o CCJ para assistir palestras sobre literatura do vestibular, saraus e workshops; apesar da distância ela avalia que as atividades oferecidas são muito boas e, que, portanto, o deslocamento não é um problema.*
- *Rafael, morador de São Miguel Paulista, estava no CCJ pela primeira vez para participar de uma atividade de vídeo: afirmou ter ido até lá, apesar da distância, pois a atividade lhe pareceu muito interessante.*

- *Letícia, moradora de Campo Limpo, estava no CCJ para uma atividade denominada “Semana de Fotografia”; ela declarou que, apesar da enorme distância, essa atividade era “imperdível”.*
- *Marcos, morador do Ipiranga, afirmou que costumava frequentar diversos espaços culturais na cidade e por isso estava no CCJ; a distância não era problema pois ele gostava de “acompanhar a cena cultural da cidade”.*
- *Gustavo, morador do Taboão da Serra, estava lá para participar de oficinas de fotografia em companhia de uma amiga moradora da região.*
- *Vanessa, moradora de São Miguel Paulista, costuma frequentar o CCJ em companhia de amigos para participar de oficinas e utilizar a biblioteca; quando solicitada a dar sugestões sobre o CCJ afirmou que gostaria muito que houvesse um espaço semelhante na sua região.*
- *Maria, moradora do centro, é professora e costuma frequentar diversos espaços culturais da cidade.*

Todos os moradores de outras regiões da cidade, que não na região norte, mostraram-se bastante engajados nas atividades culturais e declararam frequentar diversos espaços culturais da cidade, mesmo antes de conhecerem o CCJ. Além disso, vale ressaltar que a distância e a necessidade de deslocamento não foram apontados como problema, ou seja, se a atividade vale a pena, o esforço de deslocamento não é um peso.

Os outros entrevistados, que correspondem a 90% da amostra são moradores de bairro próximos, da zona norte, como podemos observar no quadro abaixo:

QUADRO 3 – Localização de moradia dos usuários entrevistados acordo com a região

Bairro	Número de usuários	Região
Bairro do Limão	2	Norte
Brasilândia	23	Norte
Cachoerinha	48	Norte
Casa Verde	2	Norte

Freguesia do Ó	4	Norte
Pirituba	8	Norte
Santana	3	Norte
Campo Limpo	2	Sul
Ermelino Matarazzo	1	Sul
Divisa de Diadema	1	Sul
Centro	2	Central
São Miguel Paulista	2	Leste
Ipiranga	1	Sul
Taboão da Serra	1	Grande São Paulo

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

Somando os moradores da região norte temos um total de 90%, o que nos leva a inferir que a proximidade do bairro de moradia permite uma apropriação maior do espaço, mesmo que seja para fazer uso não específico dele, como jogar e conversar com os amigos, indicado como 18% das atividades realizadas pelos entrevistados, quando perguntados sobre o que costumam fazer no CCJ.

Outro fator importante a considerar é que os bairros da região norte que foram citados, oferecem transporte urbano direto para o CCJ. Ressalte-se que o CCJ está localizado em local com amplo acesso ao transporte público: que além do terminal de ônibus da Vila Nova Cachoeirinha e da Avenida Deputado Emilio Carlos que conta com diversas linhas de ônibus.

Alguns entrevistados, quando indagados se moravam na região do CCJ, informaram que costumam se deslocar até lá a pé. Naturalmente o deslocamento sem custo de transporte, próximo ao bairro de moradia e com atividades gratuitas, certamente favorece a intensidade de uso desse espaço. Este aspecto é particularmente relevante em relação à participação de jovens na faixa etária de 14 aos 18 anos, que, embora não seja a faixa etária prioritária do CCJ, mostrou-se nesta pesquisa, a mais freqüente. Como já apontamos, a freqüência maior registrada pelos jovens nessa faixa etária pode também se justificar pelo fato de não exercerem atividade profissional e poderem freqüentar mais esse equipamento e apropriar-se de novas informações e conhecimentos.

3.3.1.3 Dados relativos à escolaridade e atividade profissional

Quanto à escolaridade, 63% dos entrevistados declararam estar estudando e 37% não estavam estudando no momento da entrevista. Dos que estão estudando, 13% estão no ensino fundamental, 34%, se encontra cursando o ensino médio, 5% cursando curso técnico de nível médio e o restante (11%) ensino superior, como podemos observar no quadro abaixo:

QUADRO 4 – Atividade escolar e Grau de escolaridade

Atividade Escolar:	
Estudando	63%
Não estudando	37%
Cursando no momento:	
Ensino fundamental	13%
Ensino médio	34%
Ensino técnico	5%
Ensino superior	11%
Total de estudantes	63%

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

Dos entrevistados que estavam estudando no momento, 45% declarou frequentar o CCJ para estudar, ler, fazer curso de idiomas, assistir a palestras e usar a biblioteca. Os que costumam usar o equipamento para atividades em grupo, preferem as áreas do hall e mesas que estão localizadas nas varandas, em espaço externo à biblioteca. Por outro lado, os que no momento da entrevista, estavam desenvolvendo atividades de estudo individual e leitura, estavam usando o espaço da biblioteca. Eles alegavam que costumam frequentar a biblioteca, especialmente nos fins de semana, por ser um espaço agradável e silencioso, destacando não ter em suas residências espaço

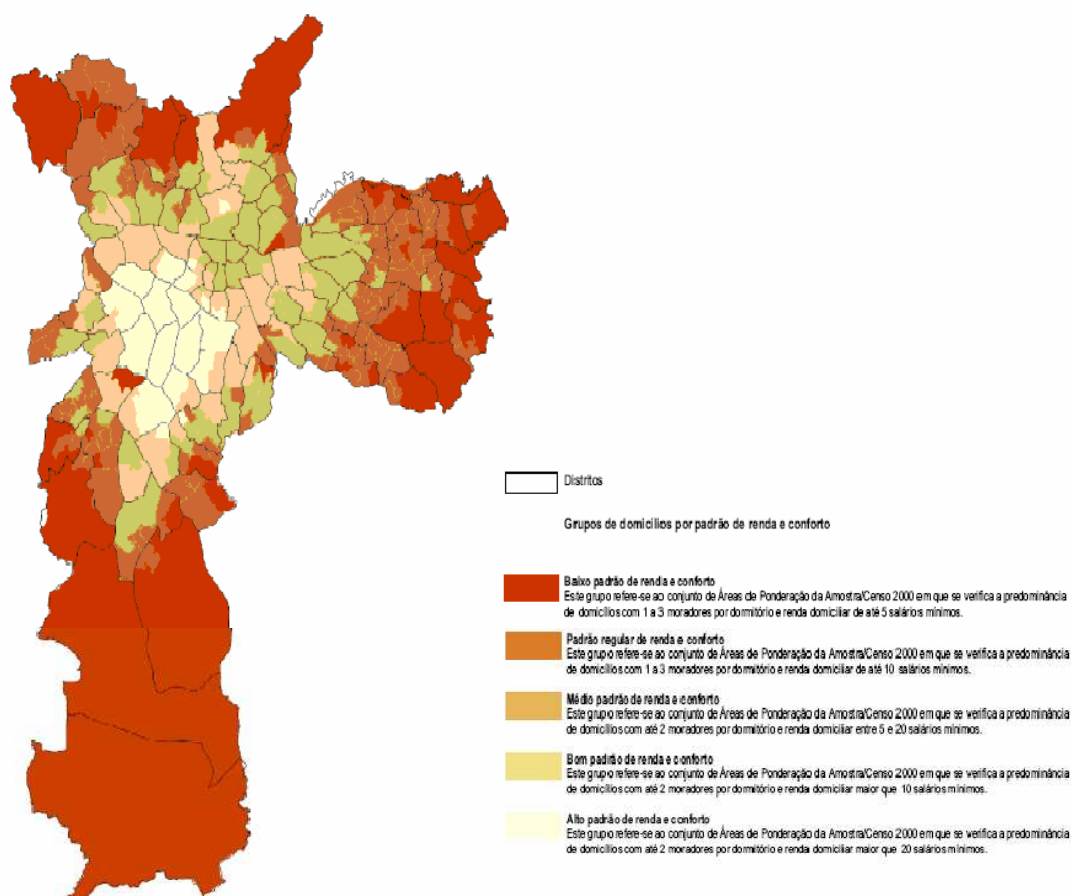
adequado ao estudo, material de suporte e a possibilidade de uso da internet para complementar pesquisas.

Essas informações são muito relevantes na análise deste tipo de equipamento cultural em bairros periféricos, pois, em geral, as residências são pequenas e sem privacidade, pois abrigam muitos moradores que usam o espaço para finalidades diversas, tais como para ouvir música, conversar, brincar etc.

Essa informação pode ser subsidiada pelo mapa abaixo que foi retirado do Município em Mapas³⁴, onde está indicado o baixo conforto das residências das regiões de Brasilândia e Cachoeirinha, conforme assinalado no mapa:

FIGURA 5 – Conforto das moradias na Brasilândia e Cachoeirinha

Fonte: Prefeitura do Município de São Paulo – São Paulo em Mapas



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000, Projeção Estatística da Amostra.

0 6 12 18

³⁴ Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <http://www9.prefeitura.sp.gov.br/sempla/mmm/> (acesso em 04/07/2009)

Os dados relativos à escolaridade não indicam uma dissonância entre a faixa etária e a escolaridade. Como podemos observar anteriormente, a maioria (52%) dos usuários se encontra na faixa etária entre 14 a 18 anos, o que corresponderia ao período de conclusão do ensino fundamental e médio.

Dos entrevistados, 38% estavam trabalhando no momento da entrevista, 8% estavam desempregados e o restante (54%), ainda não trabalhava.

Quanto aos dados relativos à atividade profissional, era perguntado ao usuário se ele trabalhava, se a resposta fosse negativa era perguntado se estava desempregado ou ainda não trabalhava, o que costumou acontecer até de forma espontânea, a resposta era “não trabalho, estou desempregado”. Para os que declararam trabalhar no momento da entrevista foi perguntado qual atividade profissional ele realizava naquele momento.

Dentre os que exerciam atividade profissional no momento da entrevista, 38% dos usuários, poucos exerciam atividade especializada como podemos observar na tabela abaixo, onde são relacionados atividade profissional e escolaridade:

TABELA 8 – Atividade profissional X escolaridade³⁵

Atividade profissional	Escolaridade
Ajudante de motorista	Não está estudando mais
Analista de qualidade	Cursando faculdade de engenharia civil
Arquivo de documentos	Ensino médio completo
Artesanato	2ª série do ensino médio
Assistente administrativo	Curso técnico, nível médio, em andamento
Assistente de engenharia	Ensino médio completo Cursando faculdade de engenharia civil
Atendente de restaurante	Ensino médio
Atendente geral	Ensino médio completo
Auxiliar de coordenação de escola de educação infantil	Ensino médio completo, fazendo cursinho pré-vestibular

³⁵ Pela diversidade de atividades profissionais optou-se pela não categorização.

Auxiliar de escritório	Ensino médio concluído
Balconista	Curso superior em andamento
Balconista	Ensino fundamental completo
Biblioteca de ONG	Curso faculdade de administração
Conferente	3ª série do ensino médio
Entregador de pizza	1ª série do ensino médio
Espectáculos e aulas de dança	Curso superior em andamento 3ª série do ensino médio
Estagiário	Curso superior em andamento
Estagiário	Curso técnico, nível médio, em andamento
Estagiário / aprendiz	Ensino médio completo, fazendo cursinho pré-vestibular 2ª série do ensino médio
Fotógrafo	Superior completo Superior em andamento
Hospital	Bacharel em direito
Mecânico	Ensino médio completo
Mecânico industrial	Concluiu curso técnico
Montador de móveis	Ensino fundamental completo
Porteiro	Ensino fundamental incompleto
Professor	Ensino superior completo
Professor de educação física	Superior completo
Professor de português e inglês	Curso superior em Letras
Restaurante	Cursando faculdade de turismo
Secretária	Ensino médio completo
Soluções gerais	Ensino fundamental incompleto
Técnico em administração	Curso técnico, nível médio, em andamento
Vendedor	6ª série do ensino fundamental 4ª série do ensino fundamental

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

Podemos inferir da tabela acima que, dentre os entrevistados, poucos estão exercendo atividades profissionais mais especializadas (estagiário/professor/dançarino/técnico em administração ou assistente administrativo ou de engenharia), destes, 3 estão estagiando no momento e 9 realizando atividades mais especializadas, o que representaria 12% da amostra total ou 24% dos que trabalham.

Dos 38 entrevistados que estavam trabalhando no momento da entrevista, 12 frequentavam diversos outros espaços culturais, 5 declararam frequentar apenas o Centro Cultural São Paulo (Vergueiro), 4 declararam frequentar apenas alguns SESC's, 2 só iam ao cinema e 15 declararam não frequentar nenhum outro equipamento cultural.

3.3.1.4 Como conheceu o CCJ

A questão de como conheceu o CCJ foi feita através de pergunta fechada com as seguintes opções de resposta: Indicação de amigos e família; Indicação da escola; Cartazes e folhetos; Associação comunitária/ONGs; Internet e web sites; Passo perto (ônibus/caminho de casa/outros).

Um expressivo número de usuários (37%) indicou a resposta “passo perto”, o que corrobora a hipótese de que a existência de espaços culturais nos bairros faz com que o público das áreas periféricas se aproxime e gradualmente se aproprie do equipamento, dependendo, naturalmente da forma como ele é recebido ali. Como mencionado anteriormente, o CCJ é bem servido de transporte público.

Alguns entrevistados afirmaram que já conheciam o prédio, quando ainda era o “esqueleto”, ou seja, quando ainda era uma obra inacabada e abandonada. Demonstrando a importância do espaço naquela área, de um espaço inútil que não servia à população, a sua transformação em um espaço cultural o que gera na população uma melhor relação com o bairro ou a região.

Conforme vemos no quadro abaixo, o segundo fator apontado como meio pelo qual tomou conhecimento do CCJ foi por “Indicação de

amigos/família” (48%). Daí a importância da experiência positiva no espaço de modo a indicá-lo a parentes e amigos. Ressalte-se, também a força do espaço de convivência, que estimula a criação e vínculos e novas amizades entre os jovens. Muitos jovens primeiramente se apropriam do espaço e começam a participar das atividades que o CCJ oferece.

QUADRO 5 – Forma como conheceu CCJ

Formas:	%
Indicação de amigos e família	48
Passo perto	37
Indicação da escola	zero
Cartazes e folhetos	6
Associações Comunitárias /ONGs	6
Internet e Web sites	3
Total (n 100)	100

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

Os dados demonstram a pouca importância da difusão do espaço por parte de ONGs e Associações comunitárias, mesmo aquelas que participaram dos debates iniciais de criação do CCJ, especialmente as que lidam diretamente com jovens. O que pode indicar que a relação dessas organizações com o espaço não está acontecendo de forma adequada, pois as ONGs e Associações poderiam fazer um uso maior do espaço e participar de forma mais ativa. Por outro lado, podemos inferir que estas organizações pela questão do afastamento do CCJ acabem não divulgando o espaço como poderiam fazer.

A opção “indicação da escola” não foi escolhida por nenhum usuário, o que causa certo estranhamento, já que a escola seria um veículo importante para motivar os jovens a se apropriarem dos espaços culturais. Por outro lado, é fator relevante o CCJ possuir uma boa biblioteca que poucas escolas oferecem e ter atividades relacionadas ao vestibular.

A outra opção “Cartazes/Folhetos/Internet “ foi indicada apenas por dois usuários e que quase coincidiu com os usuários de outras regiões que não a zona norte, que vão até lá para participar de atividades pontuais, tais como, oficinas, palestras e saraus.

3.3.1.5 Frequência

Quanto à frequência, podemos observar no quadro abaixo que as alternativas “varias vezes por semana” e “semanalmente” apontam valores de 28% e 38% respectivamente. Isso indica uma apropriação significativa por parte dos jovens do espaço do CCJ, seja para atividades de estudos como de lazer e recreação, e especialmente um espaço de socialização onde eles podem estar com amigos, colegas e fazer atividades de forma agradável e segura.

QUADRO 6 – Frequência de visitas ao CCJ

	%
Diariamente	8
Varias vezes por semana	28
Semanalmente	38
Uma vez por mês	10
Mais que uma vez por mês	5
Primeira vez	11
Total	100

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

3.3.1.6 Quais atividades que você costuma participar no CCJ

Quanto às atividades de que participam no CCJ, foi perguntado aos entrevistados “De que atividades que você costuma participar?”, a pergunta era aberta e permitia mais de uma resposta. As respostas espontâneas foram :

QUADRO 7 - Quais atividades que você costuma participar no CCJ

	Número de usuários
Fazer trabalhos escolares	39
Biblioteca	26
Internet	24
Ensaio danças/percussão	9
Computação/Informática	17
Oficinas	15
Curso teatro/hip hop	7
Palestra	25
Cursos de idiomas	16

Assistir a sessões de cinema	3
Jogos	22
Teatro	20
Cafe cultural	2
Shows/Espetaculos	10
CCJ Visita	10
Ler	10

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

Podemos observar uma grande dispersão das atividades citadas, o que pode ser considerado um indicador positivo, pois o mesmo público participa das diversas atividades oferecidas pelo CCJ. Isso pode indicar acerto na área de programação.

Algumas atividades estão diretamente relacionadas à biblioteca, tais como palestras, leitura, curso de idiomas, café cultural e elaboração de trabalhos escolares, dentre outros. O uso da biblioteca é bastante significativo, dado as inúmeras atividades oferecidas no espaço do CCJ.

Podemos inferir a partir dos dados acima, que as atividades ligadas à cultura despertam grande interesse nos jovens, justificando a missão proposta pelo CCJ.

3.3.1.7 Avaliação da biblioteca e do CCJ em geral

Tanto a biblioteca, como o CCJ de modo geral, obtiveram uma excelente avaliação entre os entrevistados, solicitados a responder sobre sua avaliação de modo geral, incluindo nessa questão a qualidade do acesso e dos serviços, conforme quadros 8 e 9 que se seguem:

QUADRO 8 – Avaliação da biblioteca

	Porcentagem
Muito bom	21
Bom	34
Regular	12
Ruim	0

Péssimo	0
Não sabe avaliar	33
Total (n 100)	100

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

Quanto à avaliação da biblioteca obtivemos os seguintes resultados: 21% avaliaram como muito bom, 34% como bom, o que perfaz 55% de avaliação entre bom e muito bom. Apenas 12% acham a biblioteca regular e 33% não souberam avaliar, justificando sua resposta por não terem feito uso ainda da biblioteca ou por ser a primeira vez que frequentavam o CCJ.

Os que avaliaram a biblioteca como regular, apontaram a falta de alguns serviços, como empréstimo, e problemas do espaço, como a questão da acústica. Muitos dos que a avaliaram como muito bom e bom alegaram achar o espaço da biblioteca muito agradável para estudar e mencionaram a gentileza e a qualidade do atendimento recebido.

Quanto à avaliação do CCJ como um todo, podemos observar no quadro abaixo que a grande maioria novamente avalia de forma positiva o espaço. Temos 34% de muito bom e 46% de bom, o que dá um total de 80% de avaliação positiva e indica uma grande satisfação por parte dos usuários com o CCJ. Do total 15% avaliou como regular, um usuário como péssimo, mencionaram a falta de alguns serviços e atividades, inclusive as não ligada à cultura, tais como: quadra de esportes, piscina, cursos profissionalizantes etc. Os 4% que não souberam avaliar por fazerem uso apenas do espaço da biblioteca e nunca terem participado das outras atividades oferecidas.

QUADRO 9 – Avaliação geral do CCJ

	Porcentagem
Muito Bom	34
Bom	46
Regular	15
Ruim	0
Péssimo	1
Não souberam avaliar	4

Total (n 100)	100
---------------	-----

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

3.3.1.8 Você acha que poderiam ser oferecidas outras atividades que não são oferecidas no momento?

Os entrevistados, em resposta à essa pergunta aberta, apontaram algumas deficiências nos serviços oferecidos pelo CCJ, entre elas se destacam:

- A solicitação de mais cursos profissionalizantes ou de caráter formativo por parte dos usuários, o CCJ em seus documentos de formação e nos depoimentos recolhidos, apontou que houve uma decisão de definir aquele espaço como cultural e não educacional.
- Algumas entrevistas apontaram atividades que deveriam ser oferecidas, mas que na realidade já o são, como é o caso de gravação de CDs, passeios culturais, dentre outros. Podemos inferir que a divulgação das atividades oferecidas pelo espaço do CCJ talvez não esteja sendo eficiente como deveria. Esse fato nos aponta a possibilidade de estar havendo uma falha na comunicação entre o CCJ e seu público.

Por outro lado, 2% dos entrevistados indicaram atividades ligadas ao esporte, o que nos leva a crer que alguns usuários desejam para o CCJ um modelo semelhante ao criado pelos CEUs, onde estão disponíveis atividades educacionais, culturais e esportivas.

Foram apontadas algumas indicações de caráter mais educacional (cursos de inglês com professor, curso pré-vestibular e técnicos). Indicando uma preocupação destes jovens com o seu preparo para a vida profissional.

Abaixo copiamos o quadro com as respostas dadas pelos usuários sobre que atividades que eles gostariam que o CCJ oferecesse e que não são

oferecidas. O quadro 10, perfaz 103 indicações em virtude de alguns usuários terem dado mais de uma sugestão.

Os dados abaixo foram obtidos por meio de pergunta aberta e posteriormente categorizados, a isso se deve a somatória ser superior a 100%.

QUADRO 10 – Atividades que poderiam ser oferecidas pelo CCJ e que não são oferecidas no momento

	Porcentagem
Cursos de teatro	1
Aulas de grafite	1
Oficinas literárias	1
Cursinho pré-vestibular	1
Festivais de musica	2
Piscina	2
Aulas de balé e yoga	2
Empréstimo de livros na biblioteca	2
Curso de Libras	2
Aumentar o acervo de livros da biblioteca	3
Curso Idiomas com professor	4
Cursos e música (canto e instrumentos)	4
Melhor divulgação das atividades	5
Cursos de danças variadas	5
Cursos oficinas de Computação/Design	7
Qualificação Profissional/Cursos técnicos	7
Esportes	10
Não tem sugestão	48
Total	108

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

3.3.1.9 Aspectos positivos e negativos do CCJ

Dentre os aspectos positivos apontados pelos entrevistados, destacam-se:

- A biblioteca recebeu 6% das indicações dos aspectos positivos que, somados aos 2% referentes a palestras para vestibular – atividade promovida pela biblioteca – perfaz 8%;
- A qualidade do espaço do CCJ, a infraestrutura, segurança e as qualidades do espaço físico, somaram 34%;
- Alguns entrevistados associaram o CCJ com a ampliação do conhecimento/informação e cultura, que somou 7%;

QUADRO 11 – Aspectos positivos

	Porcentagem
Abrir espaço especialmente aos jovens	4
Ampliar conhecimento/aprendizagem	7
Biblioteca	6
Comunicação/ Segurança/localização	3
Cursos serviços	5
Dança/música	5
Espaço/infraestrutura	31
Eventos gratuitos	1
Exposições	1
Fazer amigos	1
Incentivos a cultura	3
Internet	8
Monitores/organização/atendimento	7
Opção de lazer	3
Palestras sobre literatura do vestibular/palestras	2
Teatro	5
Tudo	1
Não sabe	7
Total (n. 100)	100

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

Os aspectos negativos apontados pelos usuários mostraram-se bastante dispersos e sem grande significado³⁶.

O dado mais relevante no quadro 12 é o grau de satisfação, pois 69% dos entrevistados responderam que estão satisfeitos ou não souberam atribuir aspectos negativos ao CCJ. Por outro lado, os aspectos negativos apontados são, em geral, pontuais, assim, não expressando uma ampla insatisfação com o equipamento.

QUADRO 12 – Aspectos negativos

	Porcentagem
Discriminação dos grupos	1
Falta atividades	5
Cursos profissionalizantes	1
Falta informação/Comunicação	3
Sem entrada direto do terminal	1
Burocracia	2
Falta participação	1
Pouca utilização do espaço	1
Manutenção	3
Horário de funcionamento (deveria abrir mais cedo)	2
Diferente plano original	1
Problemas na internet	3
Barulho na biblioteca (acústica)	3
Faixa etária (deveria atender crianças e idosos)	2
Barulho dos ambientes	2
Não sabe indicar/está satisfeito	69
Total (n 100)	100

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

³⁶ Nesse caso avaliamos que houve um erro metodológico ao incluir em uma mesma questão aspectos positivos e negativos, acreditamos que os dados obtidos a respeito dos aspectos negativos foram insatisfatórios.

3.3.1.10 Participação na programação

Incorporamos a pergunta acima à entrevista, pois a participação do usuário é um ponto diferencial da proposta do CCJ, enfatizado em depoimentos recolhidos junto aos gestores do espaço. Pretendíamos verificar se realmente havia essa relação, se os usuários sabiam que esse canal estava aberto.

Apenas 14% dos usuários disseram ter feito sugestões à programação do CCJ, indicando uma baixa participação dos usuários nesse espaço aberto pelo CCJ para a comunicação direta com eles. Acreditamos que um fator decisivo para esta baixa participação seja a falta de informação sobre esse espaço, 15% dos entrevistados alegaram não saber dessa possibilidade.

No momento que estávamos terminando esta pesquisa, o CCJ estava fazendo um levantamento junto aos usuários solicitando sugestões de programação, porém os dados não puderam ser incorporados por não estarem ainda disponíveis.

Talvez os representantes da comunidade que sugerem a programação sejam sempre de um mesmo grupo, ou de um grupo que estabeleceu uma ponte eficaz com a equipe que define a programação.

Abaixo relacionamos algumas sugestões dadas pelos usuários:

- O usuário sugeriu a sua Banda para tocar no espaço do CCJ e foi atendido, tendo se apresentado no “Projeto Escuta”;
- Sugestão de filme não disponível no circuito comercial e locadoras foi exibido com sucesso;
- Palestras sobre Ayrton Senna e debate sobre eleições ambas as sugestões não foram aceitas;
- Mostra de música a proposta não chegou a ser viabilizada;
- Oficinas algumas foram aceitas;
- Shows de algumas bandas alguns foram aceitos.

3.3.1.11 Freqüência a outros espaços culturais

A questão da freqüência é fundamental para esta dissertação, pois, como tínhamos estabelecido nos objetivos, gostaríamos de investigar sinais de desenvolvimento cultural, pessoal e social, a partir da vivência dos jovens no CCJ.

Partimos da premissa de que esses jovens, por estarem distantes dos equipamentos culturais da cidade, que, como demonstramos, se concentram nas zonas mais centrais e estão quase ausentes dos bairros mais periféricos, teriam uma baixa participação na vida cultural da cidade e esperávamos que houvesse indícios de uma ampliação desse universo cultural dos jovens a partir da convivência com o CCJ e o conhecimento de novas possibilidades de práticas e de consumo cultural.

Abaixo, analisaremos as respostas dadas à questão da freqüência a outros espaços culturais e ampliação desta após a freqüência ao CCJ, para podemos concluir como era e se houve alguma modificação significativa. O quadro abaixo, nos trás informações da freqüência dos jovens a outros espaços culturais:

QUADRO 13 – Costuma frequentar outros espaços culturais além do CCJ

	Porcentagem
Não freqüenta outros espaços culturais, apenas o CCJ	39%
Freqüenta todo o tipo de espaço cultural	15%
Teatros em geral	7%
Centros culturais em geral	5%
CCSP	8%
CEUS	1%
Museus	5%
Cinema	11%
Bibliotecas	11%
SESCs	8%

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

Nota: A soma é de mais de 100% tendo em vista que alguns usuários apontaram mais de um espaço.

Como podemos observar no quadro acima, um número expressivo de usuários (39%) não frequentam nenhum outro espaço cultural, nem mesmo cinemas comerciais. Porém, 15% dos usuários afirmaram já frequentar diversos tipos de equipamento cultural. Quanto às bibliotecas, 11% indicaram frequentar outras bibliotecas além da do CCJ, todos estes usuários estavam no momento da entrevista no ambiente da biblioteca.

Para podermos traçar um quadro comparativo entre o que já é frequentado pelos usuários e sua posterior ampliação após a convivência no CCJ, definimos níveis de participação:

Alto – indicou 4 tipos ou + de espaços culturais

Médio – indicou 3 ou 2 espaços culturais

Baixo – indicou apenas 1

Nenhum

A partir da definição acima podemos observar a participação em níveis no quadro abaixo:

QUADRO 14 – Frequência a espaços culturais

	Porcentagem
Alta	31%
Média	16%
Baixa	14%
Não frequentam	39%

Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

Os usuários que afirmaram frequentar diversos espaços culturais da cidade, frequentam espaços públicos ou não, próximos de suas residências ou não. São motivados a frequentar esses espaços por iniciativa própria anterior a convivência com o CCJ.

Alguns usuários (16%) afirmaram frequentar entre 2 e 3 espaços culturais e na sua maioria afirmaram ir ao CCSP, Parque da Juventude no Carandiru, CEUs e algum SESC.

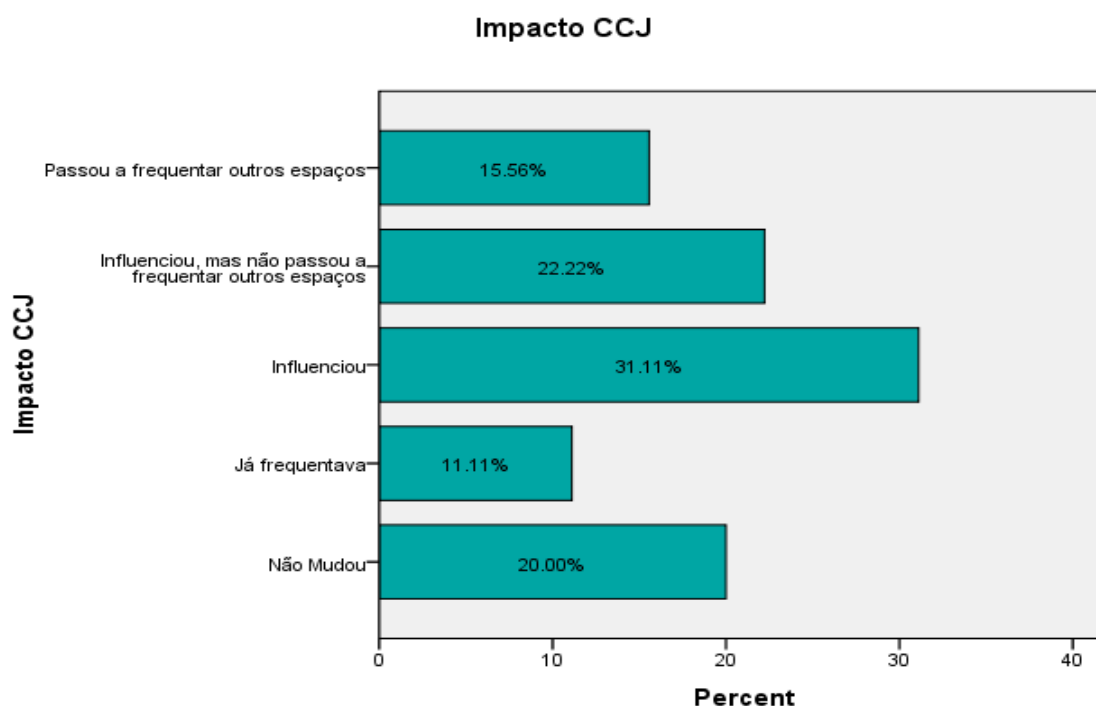
Os usuários que consideramos de baixa frequência indicaram ser frequentadores de outra biblioteca pública ou do CCSP.

Essa baixa participação na vida cultural da cidade pode nos indicar a importância da criação de espaços como o CCJ nos bairros periféricos, para que esses jovens tenham contato com as diversas linguagens culturais, apropriando-se delas e começando a ampliar seus horizontes culturais, influenciando-os e motivando-os a frequentar outros espaços.

3.3.1.12 Ampliação da frequência a outros espaços culturais após o CCJ

Quanto à ampliação da frequência a outros espaços culturais após o CCJ, obtivemos os seguintes dados, conforme gráfico abaixo:

GRÁFICO 7 – Impacto do CCJ na frequência a outros espaços culturais



Fonte: Sondagem com usuários do CCJ – realizada entre julho e setembro de 2009

Os dados acima indicam que o número de pessoas que passaram a frequentar efetivamente outros espaços culturais perfaz apenas 15,56%, o que não apresenta uma mudança tão significativa. Porém, outros 22,22% disseram ter influenciado, mas ainda não passaram a frequentar, justificando isso em virtude de falta de tempo para se deslocar até esses outros espaços. 31%, indicaram ter influenciado, porém frequentaram poucos espaços além do CCJ.

Muitos jovens declararam que, para eles, o CCJ era suficiente. Era perto de sua casa e eles se sentiam bem lá. Esse tipo de resposta demonstra a dos jovens dos bairros periféricos em romper essa linha que separa o centro da periferia. Muitos até se deslocam para os bairros centrais por motivos profissionais, mas, quando se trata de lazer, acabam ficando próximos ao seu bairro de residência.

Um número expressivo de usuários apontaram como espaços que eles passaram a querer conhecer o Centro Cultural São Paulo e Parque da Juventude do Carandiru, espaços que apresentam alguma semelhança com o CCJ, com uma alta diversidade de práticas culturais, permitindo que se sintam à vontade nesses espaços.

A partir dos dados que levantamos na pesquisa, podemos inferir que a distribuição dos equipamentos culturais pela cidade é muito importante para a democratização cultural. Como podemos observar, muitos usuários conheceram o CCJ por passar perto ou por indicação de amigos, na sua maioria moradores da região norte.

As atividades culturais propostas pelo CCJ têm uma boa aceitação, o que pode ser observado, a partir dos dados coletados na questão relativa aos pontos positivos do espaço.

Os aspectos negativos e a questão sobre o que falta ser oferecido, nos indicaram que os usuários estão satisfeitos com o modelo, porém, gostariam que ele incorporasse, também, atividades educacionais (cursos profissionalizantes) e atividades esportivas.

A criação do CCJ no bairro da Cachoeirinha, zona norte de São Paulo, pode vir a ter um impacto maior ao longo dos anos do que nos foi possível mensurar nessa pesquisa. Porém, por hora podemos afirmar que sua presença no bairro/região traz uma aproximação com a cultura, com o conhecimento e com educação que deve ser oferecida a toda a população da cidade, em

especial aos jovens de bairros periféricos, que contam com escassas alternativas.

4. Considerações finais

O objetivo principal dessa dissertação consistia em analisar os processos de criação e desenvolvimento do CCJ e sua importância para seu público-alvo (jovens entre 18-29 anos). Para tanto, necessitávamos mapear os equipamentos culturais no âmbito da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Ao analisar estes mapas constatamos sua baixa distribuição ao longo da cidade, e especialmente, sua quase ausência nos bairros periféricos da cidade, exceção feita à rede de bibliotecas públicas que se encontram mais distribuídas ao longo da cidade, porém, com muitas falhas e em alguns locais os programas como “Pontos de leitura” e “Ônibus-biblioteca”, tem pretendido atenuar essas ausências.

Os equipamentos culturais ainda se encontram muito concentrados, especialmente na região central e região da Avenida Paulista. Como vimos anteriormente muitas bibliotecas públicas estão suprindo essas deficiências ao oferecer atividades além do seu papel, tais como cinema, teatro, saraus etc. Também, muitas bibliotecas oferecem seu espaço para o Programa Vocacional da Secretaria de Cultura, incorporando na sua programação os Vocacionais de teatro, dança ou música.

A partir, dessas observações podemos inferir que o CCJ é um equipamento inovador, pois ele está localizado em um bairro distante do centro e com fácil acesso aos jovens moradores de parte da periferia da região norte da cidade.

Além de se localizar em bairro fora da região central, o CCJ é o primeiro equipamento da Secretaria de Cultura de São Paulo a ter o jovem como seu público alvo. Muitas das atividades desenvolvidas em outros espaços focam esse mesmo público, porém, isto não é de forma tão explícita como podemos observar no CCJ.

O CCJ busca na sua atuação a concretização dos “direitos culturais” dos jovens, coincidindo com o que foi definido anteriormente por CARRANZA VALDÉS, a partir dos pontos seis pontos destacados pelo autor refletiremos sobre a atuação do CCJ:

DIVERSIDADE CULTURAL

A programação do CCJ se apóia fundamentalmente na diversidade, ao procurar oferecer uma programação dividida entre espetáculos consagrados e espetáculos produzidos por jovens que ainda não tiveram oportunidade de reconhecimento.

Especialmente o “Programa Ocupação”, abre espaço para apresentações de trabalhos dos jovens que quiserem se candidatar, buscando assim, priorizar jovens da região e trabalhos com o maior número de participante, focando também, a qualidade e a proposta do espetáculo, que são analisadas pela equipe responsável pela seleção.

Portanto, quanto à diversidade cultural concluímos que se busca de forma constante e eficaz, a diversidade cultural, ao abrir a programação, ao dar voz aos jovens, ao incluir na programação atividades ligadas à cultura popular, ao artesanato, também as novas tecnologias, as mídias digitais e ao Hip Hop.

ÉTICA MUNDIAL

Acreditamos que o conceito de ética é a base para a justiça social, a democracia e o desenvolvimento. O respeito ao diferente, algumas vezes se dá através do conhecimento do outro. Ao oferecer diversas atividades ligadas aos diversos grupos, o CCJ enfrenta a convivência entre grupos que poderíamos chamar de antagônicos. No espaço do CCJ esses grupos podem se conhecer e reconhecer e assim travarem uma convivência mais harmoniosa.

Também são oferecidas palestras focalizadas em países ou regiões mundiais, objetivando o conhecimento das diversas sociedades mundiais, suas culturas, valores e modos de vida. O projeto “Que país é esse?”, é um exemplo dessa intenção ao oferecer palestras, exposições e outras atividades de países pouco conhecidos pelos jovens como por exemplo: a China, a Índia, o Continente africano, dentre outros.

PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES CRIATIVAS e ACESSO À CULTURA E À EDUCAÇÃO

Esses dois conceitos são essenciais desde a criação do CCJ, e orientam seus objetivos e suas práticas. Ao oferecer espaço e condições para que os jovens possam apresentar e representar suas produções, o estímulo à participação nas atividades criativas é o centro da proposta, dando oportunidade para que esses jovens se sintam impelidos em produzir e que essa produção tenha seu espaço de compartilhamento.

Quanto ao acesso à cultura, no nosso entender, ao oferecer um espaço de qualidade que permite a comunicação entre o usuário e os produtos culturais, os bens culturais e as linguagens artísticas variadas, especialmente, em uma região bastante carente de espaços culturais, para que o jovem possa ter contato com o que está sendo produzido na área cultural, e assim, ampliar seu repertório cultural, por si só já atende a esse item dos direitos culturais.

Com relação ao acesso à educação, embora o CCJ não pretenda ser um espaço ligado à educação formal, acaba atuando na educação não formal por meio dos projetos (A hora e a vez do vestibular, Aventura dos idiomas, dentre outros) e na educação continuada à medida que disponibiliza conteúdo e estimula a busca da informação e do conhecimento e, também atende a esse direito ao disponibilizar livros e o acesso à internet para pesquisa.

IDENTIDADE CULTURAL

Podemos pensar essa identidade cultural de dois ângulos: identidade à uma linha de produção cultural, por exemplo, tipos de música, de arte, grafite etc, e por outro a identidade cultural ao seu grupo social: se orgulhar da sua região, se sentir parte e crer que é necessário participar para que a transformação ocorra.

VIDA EM COMUM

“Vida em comum”, postura que é estimulada no CCJ, requer a presença da ética, que assegura respeito e atitude positiva. O acesso à educação e à cultura é condição para que os jovens tenham condições, de fato, de fazerem suas escolhas: já o respeito à diversidade é a base estruturante para uma vida em comum, de forma que seja proveitosa para todos.

O CCJ por meio de suas diretrizes e por suas práticas, busca atender a todos os itens que, para o conceito de CARRANZA VALDÉS formam os “direitos culturais”.

Na pesquisa realizada com os usuários, obtivemos algumas indicações de quem são esses jovens, do que participam, suas satisfações/insatisfações e suas práticas culturais.

A primeira conclusão a que chegamos, é que um espaço usado de forma equivalente por homens e mulheres, pois obtivemos o mesmo índice de entrevistas de ambos os sexos independente da intenção de dividir a amostra.

Quanto a faixa etária as respostas nos indicaram uma apropriação do espaço além do definido na proposta do CCJ. Ele é usado tanto por pessoas abaixo da faixa etária prevista (18 a 29 anos) até com pessoas mais velhas (acima de 29 anos). Isso denota a importância do espaço para toda a região e não só para os jovens entre 18 e 29 anos.

A satisfação obtida na avaliação, tanto do CCJ como da biblioteca, nos leva a crer que o espaço está atendendo muito bem as expectativas da população, porém, ainda persistindo a cobrança de uma atuação bem além do definido após amplos debates feitos no processo de criação do CCJ. A pesquisa apontou que diversos usuários sentem falta de curso profissionalizantes e preparatórios para o mercado de trabalho, assim como, de atividades ligadas às práticas esportivas.

A biblioteca é utilizada de forma consistente. São oferecidas diversas atividades caracterizando uma prática que poderíamos afirmar ir bem além da “biblioteca” da forma como é vista tradicionalmente. Várias ações são realizadas além do uso do espaço para leitura e a oferta de materiais em suporte de papel. A biblioteca oferece uma extensa programação de palestras, saraus e eventos, por outro lado, oferece também equipamentos para

pesquisa, cursos na internet e um espaço para reprodução de vídeos/DVDs e outras mídias.

Podemos creditar grande parte do sucesso da biblioteca à atuação do profissional bibliotecário, que como podemos observar, é caracterizada por uma ampla ação cultural.

Em relação ao desenvolvimento cultural dos jovens usuários do CCJ poderíamos afirmar que uma parte deles já eram freqüentadores de diversos espaços culturais, porém, do público que antes do CCJ não freqüentava outros equipamentos, observamos uma ampliação da freqüência e uma demanda por freqüentar, que ainda não havia sido realizada no momento das entrevistas, mas estava latente e que se concretizará assim que eles recolham as condições, tais como: tempo, condições econômicas e outras condições apontadas.

Concluimos afirmando que um espaço que se criou no CCJ com todas as suas características: programação, infraestrutura, qualidade de atendimento, relação com o público e diversidade de linguagens artísticas, deveria se tornar uma política na área da cultura, disseminando a proposta por todas as regiões periféricas da cidade, para assim possibilitar a democratização cultural para a população.

Bibliografia

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: _____; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2005.

AMORIM, Galeno (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial : Instituto Pró-Livro, 2008.

ARAÚJO, Marianna; COUTINHO, Eduardo Granja. Hip Hop: uma batida contra-hegemônica na periferia da sociedade global. BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FREIRE FILHO, João (orgs). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

p. 211-227

ARENDT, Hanna. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João (orgs). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

BOTELHO, Isaura. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. **Espaço e Debates** - Revista de Estudos regionais e urbanos, n.43/44, p. 1-19, 2004.

_____. As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas. São Paulo em Perspectiva, n. 15 (2), 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Zouk, 2003.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros**. In ABRAMO, Helena Wendel;

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

CALIL, Carlos Augusto. **Sede de cultura**. In: TEIXEIRA COELHO NETO, José (Org.). A cultura pela cidade. São Paulo: Iluminuras : Itaú Cultural, 2008.

CARRANZA VALDÉS, Julio. Les indicateurs du développement culturel: vers une nouvelle dimension du bien-être humain. Disponível em: <http://www.stat.gouv.qc.ca/observatoire/publicat_obs/symposium2002.htm>

Acesso em: 22/10/2008

CASTELLS, Manoel. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. Nueva economía y política urbana. **La Factoria**, Revista social, n.33, 2007. Disponível em: <http://www.revistalafactoria.eu/articulo.php?id=11> (acesso em 12/04/2009)

CENTRO de Direitos Humanos. **Jovens lideranças comunitárias e direitos humanos**. São Paulo: Imesp, 2004.

CHAUI, Marilena. **Cidadania cultural**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

DAGNINO, Evelina (Org.). **Anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DAVIES, Rita. **A cultura e o futuro das cidades**. In: TEIXEIRA COELHO NETO, José (Org.). A cultura pela cidade. São Paulo: Iluminuras : Itaú Cultural, 2008.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos**. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. **Cultura híbridas**. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Políticas culturales en América Latina**. 2. ed. México, DF: Grijalbo, 1990.

_____. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. **Imaginários culturais da cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento**. In: TEIXEIRA COELHO NETO, José (Org.). A cultura pela cidade. São Paulo: Iluminuras : Itaú Cultural, 2008.

GIL, Patricia Guimarães. Voluntariado, uma vontade de pertencimento. In: QUINTERO, Eudisia Acuña (org.). **Um sensível olhar sobre o terceiro setor**. São Paulo: Summus, 2006. p. 108-123.

GOHN, Maria da Gloria. **O protagonismo da sociedade civil**: movimentos sociais, ONGS e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005.

_____ (org.) **Movimentos sociais no início do século XXI**: antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____ **Movimentos sociais e educação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____ Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. Saúde e Sociedade, v. 13, n. 2, p. 1-12, São Paulo, 2004.

GOROSITO LÓPEZ, Antonio. La biblioteca comunitaria: una experiencia de organización social, educativa y cultural. **Biblios**, v. 4, n. 15, p. 35-40, abr.jun., 2003.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo: Circulo do Livro, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

JARAMILLO, Orlanda; MONTOYA R., Mônica ; ALVAREZ Z., Didier. **Biblioteca pública y lectura pública**. Medellín: Universidad de Antioquia, 2005.

KISIL, Rosana. **Elaboração de projetos e proposta de organização da sociedade civil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João (orgs). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008. p. 9-32.

MARTINS, Maria Helena; ARANHA, Maria Lucia. **Temas de filosofia**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005 .

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e a questão social**: crítica ao padrão emergente de intervenção social. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MORENO, Rosangela Carrilo; ALMEIDA, Ana Maria Fonseca de. **Tornar-se militante**: os jovens do Movimento hip-hop de Campinas. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/papers/GT26%20Sociologia%20da%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Juventude/GT%2026%20-%20Artigo%20SBS%202007final%5B1%5D.pdf> Acesso em: 24/07/2008)

NAVES, Rubens. Novas possibilidades para o exercício da cidadania. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

NIRENBERG, Olga; BRAWERMAN, Josette; RUIZ, Violeta. **Programación y evaluación de proyectos sociales**: aportes para la racionalidad y la transparência. Buenos Aires: Paidós, 2003.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

PAOLI, Maria Célia. O mundo do indistinto: sobre gestão, violência e política. In: OLIVEIRA, Francisco de; RIZEK, Cibele Saliba (Orgs). **A era da indeterminação**. São Paulo: Boitempo, 2007. p.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PINSKY, Jaime. **Cidadania e educação**. São Paulo: Contexto, 1999.

QUINTERO, Eudisia Acuña (org.). **Um sensível olhar sobre o terceiro setor**. São Paulo: Summus, 2006.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **HIP HOP**: a periferia grita. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, Vanda Ferreira dos. **Biblioteca pública y desarrollo econômico**. Buenos Aires: Alfagrama, 2007.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Relatório 2005. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2006.

_____ VAI 5 anos. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2008.

SÃO PAULO. Secretaria de Cultura. Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso. 2008.

_____ Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso. 2008.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. UNICAMP

SILVA, Jailson de Souza e. **“Por que uns e não Outros?”** Caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003. p. 89-114

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do protagonismo juvenil**. São paulo, 2006. Tese (Doutorado) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SPOSATI, Aldaíza. **Exclusão abaixo da linha do equador**. Disponível em: www.dpi.inpe.br/geopro/exclusao/exclusao.pdf. 1998. (último acesso em julho de 2009)

_____. **Mapa da exclusão/inclusão social da Cidade de São Paulo/2000**. Disponível em: www.dpi.inpe.br/geopro/exclusao/oficinas/mapa2000.pdf (último acesso em setembro de 2009)

_____. **Cidade em pedaços**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

TEIXEIRA COELHO NETO, José. **Usos da cultura**: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 1997.

_____. **A cultura e seu contrário**. São Paulo: Iluminuras : Itaú Cultural, 2008.

_____. (Org.) **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras : Itaú Cultural, 2008.

_____. Política Cultural em nova chave: indicadores qualitativos de ação cultural. **Revista Observatório Itaú Cultural**, n. 3, p. 9-21, 2007. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/000567.pdf>
Acesso em: 15/10/2008

VECCHIATTI, Karen. Três fases rumo ao desenvolvimento sustentável: do reducionismo à valorização da cultura. **São Paulo em Perspectiva**, v. 18, n. 3, p. 90-95, 2004.

WADA, Márcia. **Juventude e leitura**. São Paulo: Annablume/A Cor da Letra, 2004.

WERTHEIN, Jorge. Leitura e cidadania. In. AMORIM, Galeno (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial : Instituto Pró-Livro, 2008. p. 41-48.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global.

Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ANEXO I

ENTREVISTA

Nome

Idade?

Você mora nas proximidades do CCJ?

sim não

Morador de qual região / bairro

Você Estuda? Curso/série

Você trabalha?

sim não

Qual sua atividade?

Como. você conheceu o CCJ?

1. Indicação de amigos e família
 2. Indicação da escola
 3. Cartazes e folhetos
 4. Associação comunitária/ONGs
 5. Internet e web sites
 6. Passo perto (ônibus/caminho de casa/outros)
- Outros

Com que frequência você vem no CCJi?

- diariamente
- várias vezes por semana
- semanalmente
- uma vez por mês
- mais que uma vez por mês
- primeira vez

Se primeira vez – perguntar que atividade veio fazer e pula a seguinte pergunta

De que atividades você costuma participar?

Liste algumas das atividades

Para aqueles que citaram a biblioteca, em geral com qual objetivo que vc. utiliza a biblioteca?

Para aqueles que não citaram a biblioteca, você já utilizou algum serviço da biblioteca? Qual?

Qual a sua avaliação dos serviços da biblioteca.

1 muito bom 2 3 4 5 Péssimo

Qual a sua avaliação das outras atividades/oficinas (excluindo a biblioteca)

1 muito bom 2 3 4 5 Péssimo

Você acha que poderiam ser oferecidas outras atividades que não são oferecidas no momento?

Na sua opinião, quais os aspectos positivos do CCJ? E quais os aspectos negativos do CCJ?

Você já participou ou deu sugestão na definição da programação de atividades? Não _Por quê? Sim Se sim, a sugestão foi aceita?

Você costuma freqüentar outros centros culturais da cidade? Quais? Com que freqüência?

Depois que você começou a freqüentar o CCJ você começou você passou a ter mais interesse em participar de atividades culturais na cidade, em outros bairros, no centro?

Outros comentários

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - VAI 2004/2008: Quantidade de projetos envolvidos.....	p.20
TABELA 2 - Sistema Municipal de Bibliotecas / Atividades.....	p.40
TABELA 3 – Total de Cinemas, Salas de Teatros e Centros Culturais nas Subprefeituras Casa Verde/Cachoeirinha e Freguesia/Brasilândia, Cidade de São Paulo, 2006.....	p.42
TABELA 4 – Total de Galerias de Artes, Museus, Salas de Shows e Concertos e Salas de Teatros e Cinemas nos Centros Educacionais Unificados – CEUs nas Subprefeituras Casa Verde/Cachoeirinha e Freguesia/Brasilândia, Prefeitura de São Paulo, 2006.....	p.43
TABELA 5 – Palestras realizadas em 2008 do projeto “A Hora e a Vez do Vestibular”.....	p.67
TABELA 6 – População jovem da Freguesia do Ó, Brasilândia e Cachoeirinha.....	p.75
TABELA 7 – Ocupação do tempo livre no fim de semana, segundo gênero e faixa etária (em %).....	p.77
TABELA 8– Atividade profissional X escolaridade.....	p.98

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa de distribuição das bibliotecas públicas na cidade de São Paulo.....	p.39
FIGURA 2 - Mapa da Vulnerabilidade social – Brasilândia/Freguesia.....	p.44
FIGURA 3 - Mapa da Vulnerabilidade social – Casa Verde/Cachoeirinha.....	p.45
FIGURA 4 – Grafite produzido dentro do Projeto Alameda.....	p.60
FIGURA 5 – Conforto das moradias na Brasilândia e Cachoeirinha.....	p.85

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Dados sobre as bibliotecas públicas da Freguesia do Ó.....	p.41
QUADRO 2 – Periódicos disponíveis na biblioteca.....	p.61
QUADRO 3 – Bairro de moradia.....	p.82
QUADRO 4 – Escolaridade.....	p.84
QUADRO 5 – Forma como conheceu CCJ.....	p.89
QUADRO 6 – Frequência de visitas ao CCJ.....	p.90
QUADRO 7 - Quais atividades que você costuma participar no CCJ.....	p.90
QUADRO 8 – Avaliação da biblioteca.....	p.91
QUADRO 9 – Avaliação geral do CCJ.....	p.92
QUADRO 10 – Atividades que poderiam ser oferecidas pelo CCJ e que não são oferecidas no momento.....	p.94
QUADRO 11 – Aspectos positivos.....	p.95
QUADRO 12 – Aspectos negativos.....	p.96
QUADRO 13 – Costuma freqüentar outros espaços culturais além do CCJ.....	p.98
QUADRO 14 – Frequência a espaços culturais.....	p.99

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Utilização do laboratório de idiomas do CCJ.....	p.63
GRÁFICO 2 – Idiomas cursados no laboratório de idiomas.....	p.63
GRÁFICO 3 – Divisão por faixa etária no laboratório de Pesquisa.....	p.64
GRÁFICO 4 - Freqüência na biblioteca por faixa etária.....	p.69
GRÁFICO 5 – Tipo de material solicitado na biblioteca.....	p.70
GRÁFICO 6 – Freqüência por faixa etária.....	p.80
GRÁFICO 7 – Impacto do CCJ na freqüência a outros espaços culturais.....	p.100

LISTA DE INTEGRANTES DA EQUIPE DO CCJ QUE CONCEDERAM DEPOIMENTO

Dolores Biruel, gestora da biblioteca, entrevistas realizadas em diversas datas entre março e setembro de 2009;

Hugo Paixão, administrador, entrevista realizada em 07 de março de 2009;

Tiago Saraiva, gestor de programação, entrevista realizada em 14 de abril de 2009;

Fernanda Arantes, gestora de redes sociais, entrevista realizada em 22 de abril de 2009;

Leandro Benetti, diretor, entrevista realizada via e-mail em 08 de setembro de 2009.